

# A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

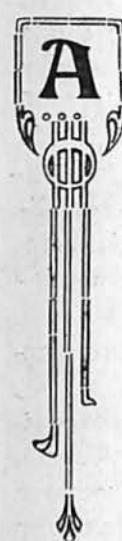
Redactores: LEITÃO DE CARVALHO, EURICO DUTRA e NILO VAL

N.º 106

Rio de Janeiro, Junho de 1922

Anno IX

## PARTE EDITORIAL



**A** defesa de nossa fronteira marítima remodelação que, sob a orientação profissional da Missão Militar Franceza e a direcção superior do Ministerio da Guerra e do nosso Estado Maior, vem sendo operada no Exercito, extendeu já sua accão reformadora a quasi todos os grandes departamentos da administração militar.

Foi revista a organização do exercito de campanha, cuja ordem de batalha melhor se amoldou ás condições geographicas do paiz, recebendo os elementos que lhe faltavam para estar á altura de nossas responsabilidades continentaes; reorganizaram-se os serviços de intendencia e administração, em moldes novos, de accão mais ampla e proficia; iniciou-se, nos estabelecimentos fabris do Exercito, um regimen industrial, visando fazel-os produzir na medida das nossas necessidades; ampliaram-se os trabalhos do Estado Maior, cujas funcções foram melhor definidas e regulamentadas; intituiram-se novos methodos para o ensino militar, creando-se varios centros para sua diffusão; publicaram-se os regulamentos que compendiam a doutrina de guerra do Exercito e os processos de combate das armas; iniciou-se a execução de um vasto programma de construcção de quartéis; procedeu-se ao estudo do armamento de que necessitamos.

Mas, nem todos os grandes problemas do Exercito, — muitos dos quaes, para terem solução definitiva, exigem um aprofundado estudo de nossas condições particulares e perfeito conhecimento dos principios que regem a materia, — foram já examinados com o necessário cuidado, motivo por que não sentiram ainda o influxo desse espirito reformador que, desde os ultimos annos, sem discontinuidade, vem animando a nossa organização militar.

Neste caso se acha a nossa fronteira marítima, cuja segurança fixa compete, entre nós, ao Exercito.

De facto, a defesa da nossa costa encontra-se hoje em condições de todo semelhantes ás que caracterizavam o exercito de campanha antes das ultimas reformas, que lhe traçaram as grandes linhas segundo as quaes se deve operar a sua evolução. E se não se pode dizer que na defesa do litoral tudo está por fazer, a verdade é que lhe faltam as condições fundamentaes de efficiencia: material adequado, pessoal seleccionado e organização, condições sem as quaes não é possivel assegurar aos seus elementos a cooperação de esforços que caracteriza toda operação militar.

Sob esse triplice aspecto—material, pessoal e organização, foram já examinadas, varias vezes, nas paginas desta Revista, por mais de um dos seus collaboradores, as deficiencias de nossas forças da costa, representadas por alguns poucos fortes modernos, que guarnecem as entradas do Rio de Janeiro e de Santos, e varias

obras obsoletas, escalonadas ao longo do litoral.

Do ponto de vista material, mesmo no principal sector da nossa costa, o que assegura a defesa do mais importante porto da Republica, não dispomos senão de algumas baterias em obras fechadas, de tiro tenso ou curvo, partes de um plano de defesa incompleto, sem o suficiente escalonamento, não contando em suas linhas de resistencia com os elementos de fogo necessarios para deterem o inimigo ou canalizal-o para onde mais nos convenha.

Obras de valor muito differentes, algumas representando apenas reminiscencias historicas da arte militar, sem nenhuma efficiencia, não podem collaborar num plano de conjunto, estudado em suas minucias, de forma a fazer face ás varias hypotheses que o problema comporta.

Contra as modernas bellenaves, armadas com potentissimo material offensivo, que valem os fortes da bahia do Rio de Janeiro, dispendo de artilharia com poder inferior, sem o conveniente escalonamento, offerecendo pontos importantes desguarnecidos, ou dotados de fortificações de todo inuteis? Serão atingidos muito antes que possam alcançar qualquer resultado contra os atacantes.

E nem só do ponto de vista da artilharia de tiro tenso e curvo é precaria a defesa do nosso principal porto, senão tambem na conjugação do seu poder com os campos fixos de minas.

Eis ali um vasto programma de estudos e de realizações, que para serem realmente proveitosos têm de obedecer a um plano de conjunto, que não se limite a encarar as condições do presente, antes preveja o seu desenvolvimento futuro, embora só pouco a pouco possa ser executado, segundo a ordem de urgencia dos trabalhos estabelecida pelos technicos.

E não só o porto do Rio de Janeiro, mas tambem os de Santos e Rio Grande,

centros de capital importancia da zona austral do paiz, têm de ser organizados definitivamente, sujeitando-se suas obras a um programma de execução realizable em varios annos successivos.

Quanto ao pessoal, as condições da artilharia de costa são ainda mais pretcarias: especialidade difficult, servindo-se de material variado e complexo, e que exige, além do mais, um perfeito conhecimento da tactica naval, com a qual mais se assemelha o seu emprego do que mesmo com as operações das forças de campanha, seus quadros necessitam duma ininterrupta preparação, para alcançarem segurança no manejo do material. E essa preparação só pode ser adquirida a custa de um longo tirocinio, consagrando-se os officiaes a essa especialidade, que tem de constituir arma á parte, com seu quadro definitivo de profissio- naes.

E' precisamente o contrario o que actualmente se dá.

Em vez de, satisfazer aquellas exigencias, o processo para a formação dos quadros da artilharia de costa impede a preparação de especialistas, mantendo a defesa de nossa fronteira marítima num estado de crise permanente, pela instabilidade da constituição de seu corpo de officiaes.

De facto, a officialidade da artilharia de costa é recrutada entre os officiaes de artilharia do Exercito, transferidos dos corpos de tropa (artilharia montada, a cavallo ou de montanha), dos estabelecimentos fabris (fabricas de polvora negra e sem fumaça, fabrica de cartuchos, arsenaes), ou de qualquer outra procedencia, só se lhes exigindo que pertençam á artilharia, — seja qual fôr seu posto, ou a função que vão exercer, — não se consignando mesmo, no almanaque da Guerra a circumstancia de terem servido em tal especialidade.

E, como se esse inconveniente já não bastasse, elle é aggravado ainda com o

facto da inclusão do official não ser por um prazo determinado, que ao menos lhe assegurasse o tempo sufficiente á aprendizagem de suas novas funcções. Simples estagio de duração incerta, a passagem dos nossos officiaes de artilharia pelas fortificações não lhes permitte dedicarem-se a fundo ao estudo do material, afim de se tornarem habéis no seu emprego, e quando, graças a uma permanencia maior, isso se alcança, é para se tornar mais sensivel a crise, com a saída, sempre possivel, sempre certa, do especialista, por promoção ou transferencia, para os ramos montados da arma, para fabricas ou repartições, onde não encontrarão como empregar os conhecimentos adquiridos...

E se levarmos em conta que essa instabilidade se vae reflectir nos quadros inferiores, de sargentos e graduados, que não são obrigados a servir o tempo bastante para se familiarizarem com as suas complexas e variadas funcções, verificamos que a situação do pessoal agrava, só por si, o estado já precario do material.

Não é possivel, com o actual regimen, possuir um quadro de officiaes especialistas, conchedor perfeito do material que lhe está confiado, sabendo empregal-o com efficacia, de forma a tirar delle o maximo resultado. E' tempo, pois, de resolvemos definitivamente este problema, tal como se vem fazendo com os que se referem ao *exercito de campanha*; os perigos que podem sobrevir da fronteira maritima não são inferiores aos que se possam apresentar nas fronteiras terrestres.

Devemos, resolutamente, contractar especialistas estrangeiros, onde elles se encontrem, para nos auxiliarem a remodelar este importante ramo de nosso poder militar, dando-lhe a necessaria efficencia, tal como já fizemos com as forças de campanha, com o que vamos colhendo tão compensadores resultados.

Com um nucleo de especialistas de artilharia de costa, — americanos, inglezes, ou de qualquer outra nação que tenha perfeitamente organizado esse serviço —, ser-nos-á facil, á semelhança do que já se faz em terra, preparar um certo numero de officiaes brasileiros, do Exercito e da Armada, que sirvam de nucleo ao *quadro da artilharia de costa*, permanentemente votado á defesa do litoral, maritimo ou fluvial, que constitue a nossa immensa fronteira

Fundada uma escola dessa especialidade; instituida uma doutrina que presida ás operações; de commun accordo com a Marinha, poderia então ser estudado o plano geral da defesa da costa, projectando-se as novas obrás, cuja construção abrangeria um certo numero de annos, segundo um programma previamente estabelecido, de forma a enquadrar as despezas nas posses da nação.

Só, então, seria possivel resolver o problema da *organização* do commando, tanto do ponto de vista das funcções como do material, assegurando-se, por uma rede de transmissões, a ligação entre os varios escalões do commando, permittindo uma efficaz fiscalização do fogo (*fire-control*), de forma a coordenar a acção dos orgãos da defesa para uma acção de conjunto, produzindo o maximo resultado, no logar conveniente, no momento opportuno.

Como se acha a nossa fronteira maritima é que não pôde continuar, a não ser que pretendamos manter na artilharia de costa um regimen que vae já desaparecendo do resto do Exercito...

---

Art. 7.º dos Estatutos. — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

# O ensino militar entre nós e a Escola Militar

"Ne cherchons pas de succès particuliers, mais, comme au football, que chacun travaille pour le succès de son équipe". Colonel de Maud'huy.

(Continuação)

De quanto havemos analysado consegue-se evidentemente que, no plano geral do ensino, deve attribuir-se o maior desenvolvimento possível ao estudo dos assuntos basicos preliminares ou, se quizerem, não essencialmente militares, compativel com o tempo fixado para os cursos, sem prejuizo immediato das disciplinas inhe- rentes á profissão.

O bom criterio, portanto, impõe, conforme se nos afigura, que se determine em relação a cada curso: em primeiro lugar, o programma e a amplitude indispensavel das matérias militares que o devem compôr; depois, o tempo em que possam ser com proveito normalmente frequentados e, por fim, a extensão, que parece de ser a maxima possível, da doutrina preparatoria correspondente.

O ideal, n'um plano geral de ensino, seria o poder incluir-se, logo, no curso fundamental inicial, toda a sciencia matematica abstracta em virtude principalmente da importancia logica que a caracteriza, de modo á poder liquidar-se, o mais cedo possível, nos primeiros surtos da intelligencia, o methodo logico por excellencia na investigação da maior parte dos ramos scientificos conhecidos.

Essa afirmação, que, aliás, todo bom senso admite sem contestação, tem sido reconhecida, em todos os tempos, pelos maiores pensadores e philosophos, desde a mais remota antiguidade.

Nos admiraveis dialogos da «República» de Platão, Socrates dizia ao seu interlocutor Glauco, em certa occasião: «Convinha, pois, não só, obrigar por lei, mas persuadir a quantos ocupam os mais elevados cargos do Estado a applicarem-se á sciencia do calculo, estudando-a, não superficialmente, mas até que se elevem, pela intelligencia, á contemplação da esencia dos numeros, afim de utilisal-a, não como os marchantes ou negociantes, nas compras e vendas, mas para fa-

zer d'ella applicação á guerra e facilitar ao espirito os meios de subir da esphera das cousas perecíveis á verdade e ao ser». (Os gryphos são nossos).

Infelizmente, porém, a angustia do tempo, a necessidade de obter-se breve, nos primeiros postos das armas, officiaes jovens não permitem que assim se possa proceder em nossas escolas: força é que nos resignemos, como preambulo theoretrico de cada curso successivo, ao indispensavel á exploração normal dos assumptos respectivos — o que obriga a parcellar, não só por esses cursos como pelas idades dos candidatos, aquillo que, por muitas razões, devêra ser feito de começo, integralmente.

Isto posto, tratemos agora, em linhas geraes, dos caracteristicos cuja obediencia reputámos indispensavel á organisação d'um plano de ensino que corresponda ás reaes necessidades de nosso Exercito.

Os ultimos ensinamentos da guerra, quando não bastassem os das campanhas anteriores á de 1914-1918, vieram, entre muitos outros, mostrar incontrastavelmente que, em regra, o combate é um drama indivisivel, urdido estreita e intimamente pela conjugação dos esforços de todas as armas, que mutuamente se ajudam e directa ou indirectamente se apoiam na disputa de um fim commun.

Os nexos que as prendem entre si são de tal ordem que vão esforço seria o tentar estudal-o, comprehendel-o, ou executal-o, como na realidade o é, considerando apenas a acção de cada uma d'ellas singularmente.

São muito raros e constituem, por isso, as excepções confirmadoras da regra os casos em que o objectivo imposto não haja sido attingido com a efficaz cooperação de todos os orgãos de combate.

A' semelhança do que se passa n'uma peça theatral, no jogo do xadrez, ou no balipodo, cada actor, peça ou individuo desempenha uma função especial, dentro da acção concebida que se trata de executar. E' indubitavel que a dita acção será tanto melhor executada quanto mais claro estiver no espirito de cada elemento o objectivo geral a attingir.

E' verdade que cada arma actúa consoante sua natureza e observa, portanto, as regras e preceitos que lhe são proprios; mas, por isso mesmo que elles são diversas nos meios de que se servem e, consequentemente, nos fins a que se desti-

nam, é que o intelligent concerto de suas actividades especiaes torna-se tão imperioso quão difficult, devendo, além de tudo isso, uma tal harmonia exercer-se permanentemente, através de espaços consideraveis, em meio ás mais imprevisitas variações do combate.

Toda acção na guerra, para ser efficaz, deve subordinar-se a um plano logico, tão certo é que sua postergação — que importa em esforços parciaes arbitrios e inarticulados — constitue o preludio do fracasso.

Ora, a elaboração desse plano, bem como a insistencia tenaz em sua intelligent e energica execução, apezar das reacções e tropeços que se lhe possam defrontar, exigem, não só do commando, que o concebe e ordena, como dos varios chefes de tropa, que o fazem executar, um conhecimento perfeito das propriedades, capacidade e modo de acção das diferentes armas, além dos que entendem com a situação das forças proprias e inimigas e o terreno da luta.

Quem não souber avaliar as possibilidades dos diversos meios de que dispõe está longe de poder distribuilos com propriedade e criterio, ajustando-os ao valor dos respectivos objectivos, decorrentes da missão geral que lhe tenha sido ordenada ou imposta pelas circumstancias.

Por outro lado, os chefes e demais officiaes que só conhecem o emprego e a conducta da arma que commandam ou a que pertençam não saberão com segurança, nas diversas emergencias da luta, qual o melhor esforço a exercer ou a melhor attitude a assumir para bem ajudar ás demais, na luta pelo objectivo commun nem o auxilio que lhes será lícito d'ellas esperar, nas difficultades previstas ou occasioaes do combate.

Infere-se, pois, de todas essas razões, que o melhor methodo de exercitar as armas essenciaes bem como os diferentes órgãos que as auxiliam é conjugalos no estudo e exercicios de casos concretos do combate, tal como elle na realidade é, sob a multiplicidade de seus aspectos, primeiro sobre a carta e, depois, sobre o terreno.

Sendo o combate, como dissemos, uma acção extraordinariamente complexa, caracterizada, em geral, por uma serie de esforços conjugados e successivos, a ninguem será dada, immune de damnosos preconceitos, a arrojada pretenção de es-

tabelecer logicamente o papel que cada arma nelle representa sem tel-o sentido profundamente não só em suas linhas geraes como em seus aspectos particulares.

Taes considerações, posto que breves e tão desalinhavadas quão verdadeiras, segundo cremos, por si sós, bastavam para provar os graves e perigosos inconvenientes de se haver proscripto entre nós o curso geral das armas em favor de um parcellamento correspondente a cada uma dellas.

Um tal individualismo é, como vimos, incompativel com a boa doutrina da guerra, não só porque promove inevitavelmente uma perigosa divergencia, onde devêra reinar harmonia e cooperação, como porque não permite, sejam quaes forem os expedientes adoptados, a organisação logica e satisfactoria de curtos á parte de cada arma.

Hão de retorquir-nos que, para obviar esses inconvenientes, é sufficiente conjugalos com um estudo commun de Tactica Geral, visando, de um lado, a connexão das armas e, de outro, a caracterização das propriedades mais importantes de cada uma.

E' precisamente ahi, entretanto, que está a illusão dos pretendentes á adopção da doutrina.

E' um erro o suppôr-se sufficiente a noção geral, adquirida á parte e adrede, das propriedades caracteristicas de cada arma, para o estudo tactico aprofundado de uma só, seja qual fôr: o combate, em regra, importa no funcionamento de um mecanismo cuja desmontagem, mesmo circumscripta aos orgãos fundamentaes, não permittria uma apreciação exacta de quanto se opera em todo o apparelho posto em actividade. Consequentemente, só depois de sua concepção geral, erigida á custa de continuados exames feitos em casos concretos variados é que cada arma ficará nas condições de cuidar, por si mesma, em linhas geraes e nas pormenores, de sua conducta, subordinada consciente e voluntaria á função que lhe está reservada na luta.

Affirmar o contrario equivaleria, até certo ponto, a admittir a possibilidade de representar-se um drama, mesmo depois que os actores hajam decorado seus papeis, sem tel-os exercitado em ensaios geraes, incontestavelmente a pedra de toque, a parte delicada por excellencia da preparação theatral. Sem a multiplicação

de tais ensaios de conjunto, sómente nos quais são possíveis as correções e o aperfeiçoamento individuais, não seria possível, de certo, uma estréa regular.

Não será demais observar, por fim, que o perfeito desempenho da peça em geral só é obtido depois de muitas representações.

No jogo de xadrez, semelhantemente, cada pedra tem seu modo particular de ação; ninguém, entretanto, irá julgar-se em condições de jogar só porque haja aprendido a mover cada uma em particular.

Quando, em certa ocasião, expunhamos estas idéas a distinto camarada, d'ele ouvimos uma observação interessante, que merece incontestavelmente meditação e exame. Dizia-nos que os regulamentos das armas, por um lado, o R. S. C. e o das grandes unidades, por outro, devem synthetizar uma mesma doutrina e que, por isso, sua criteriosa observância, não só na preparação, isto é, nos exercícios, como na propria guerra, não pôde deixar de assegurar a indispensável concordância e convergência de esforços no combate.

Basta meditar um pouco para verificarmos a dose de verdade em que uma tal afirmação importa, assim como os limites em que é forçoso circunscrever a exagerada conclusão.

Não ha dúvida que os regulamentos, afinal de contas, devem representar, mórtemente o R. S. C. e o relativo ás grandes unidades, a synthese de uma certa doutrina de guerra consagrada; assim é que suas disposições, seja qual for o organismo a que se refiram, hão de resultar, posto que parcelladas, necessariamente harmónicas e consequentes dentro do sistema geral adoptado.

Acontece, porém, que os regulamentos, em virtude da natureza mesma da guerra, caracterizada por uma variação infinita em seus aspectos geraes e particulares, só podem prescrever preceitos eminentemente geraes, cujo exame e estudo theóricos, são, por isso mesmo, insuficientes como methodo de preparação para a guerra.

A bôa intelligencia e a importancia dessas regras geraes só se tornam evidentes e se gravam no espirito através da prática copiosa e variada de soluções concretas que as justificam espontaneamente.

Si, por um lado, é indispensável conhecer para observar as prescrições regulamentares, afim de systematisar tão homogeneamente quanto possível os variados esforços, é innegavel, por outro, que só esse conhecimento não basta.

O official que se limitar ao estudo abstracto dos regulamentos, por melhor que seja sua capacidade intellectual, está, em relação á prática do combate, em condições comparaveis ás do estudante de mathematica que haja estudado sómente suas leis fundamentaes, a theoria em summa, em face das applicações correspondentes. Mesmo que conheça as indicações geraes que o devam guiar no desenvolvimento de uma questão prática, ha de lutar com serias dificuldades, no minimo, para pôr o problema em equação, tarefa delicada e essencial, cujo exito depende de muito exercicio.

As regras elle não ignora: os compendios todos lh'as ministram; o que lhe fallece, todavia, e os livros não lhe podem offerecer, é o tirocinio da analyse applicada, o senso pratico, que só se adquire á custa de trabalho, na solução variada de problemas bem definidos, feita, a principio, com a assistencia de mestre exercitado.

Eis ahi as razões que nos levaram a divergir, em parte, do conceito acima expresso: os regulamentos esboçam e definem, cada um consoante o objecto que lhe é peculiar, toda a doutrina, em suas linhas fundamentaes: a fiel interpretação d'ella, porém, e sua consequente aplicação são fructos de themes praticos envolvendo progressivamente o conhecimento de todas as armas e serviços.

Do que acabámos de expor não se deprehenda, entretanto, porque isso seria uma insensatez, que a preparação das armas e orgãos auxiliares possa e deva ser feita, de modo completo, em conjunto. A conducta especifica d'ellas ou, melhor, a technica de cada uma não pôde deixar de ser exercitada separadamente. Partindo do simples para o composto, o que é indispensável é que, apóz a preparação preliminar theórica e prática de cada uma, sejam ellas imediatamente reunidas no treinamento do fim commun a que todas se destinam — o combate.

O verdadeiro aperfeiçoamento individual d'ellas d'ahi é que deve decorrer, como consequencia das variadas exigencias por elle postas em evidencia.

De sorte que o methodo logico da preparação da tropa para a guerra, de um modo geral, parece-nos comportar, diante do que acabámos de ver, as tres ordens de trabalho assignaladas: 1.º) a preparação preliminar individual; 2.º) a preparação aprofundada em conjunto; 3.º) o aperfeiçoamento e exercicio technicos de cada arma.

Ahi estão, apenas esboçadas, em traços geraes, as bases a que se deve subordinar um plano de ensino methodico e efficaz, visando a formação de officiaes de tropa para o 1.º posto das armas.

(Continua)

Rio, Maio de 1922.

Sylvio Scheleder.

## ARTILHARIA

*A Defesa Nacional* (numero de Marco ultimo) publicou, em artigo intitulado «Cooperação da artilharia e da infantaria», extractos de revistas militares francezes, que poderiam fazer suppôr que existe divergência de doutrina, entre infantes e artilheiros francezes, sobre a questão capital da cooperação da artilharia e da infantaria no combate, tanto do ponto de vista do genero e da conducta dos fogos a executar, como do ponto de vista do commando tactico das fracções de artilharia, postas temporariamente á disposição da infantaria em primeiro escalão.

A divergência que parecia existir provinha do emprego de termos diferentes, em dois regulamentos em vigor (Instrução provisoria para o serviço da artilharia em campanha, de 17 de Junho de 1919; e Regulamento provisorio de infantaria, de 1.º de Fevereiro de 1920), para designar a mesma acção de fogo numa phase do combate.

A infantaria, em primeiro escalão, que se lança ao ataque deve ser precedida de um sistema de fogos, tendo por fim destruir ou, pelo menos, neutralizar as defesas inimigas que se oppõem directamente á marcha dessa infantaria atacante.

O sistema de fogos comprehende o emprego simultaneo, no tempo e no espaço, dos engenhos de fogo da infantaria de ataque (metralhadoras, petrechos, etc....) e das acções de fogo do agrupamento

de artilharia, encarregado de apoiar directamente essa infantaria.

No Regulamento de infantaria, de Fevereiro de 1920, essas acções de fogo de artilharia são denominadas «*tiros de apoio directo*», em lugar de empregar-se a denominação «*tiros de acompanhamento*», que lhes dá o Regulamento de artilharia. Os redactores do Regulamento de infantaria, dos quaes, entre parenthesis, nenhum era artilheiro, julgaram necessário modificar a terminologia usada pelo Regulamento de emprego da artilharia, afim de evitar a confusão que se poderia dar no espirito dos interessados, sob o pretexto de que a denominação «*tiros de acompanhamento*» era empregada anteriormente para a designação dos tiros executados pelos engenhos de acompanhamento, pertencentes á infantaria.

Seja sob a denominação de «*tiros de acompanhamento*», ou sob a de «*tiros de apoio directo*», o que importa é que os projectis da artilharia de apoio directo venham cahir na frente e o mais perto possivel dos infantes que se lançam ao ataque, para abrir-lhes a marcha e facilitar a execução da sua perigosa tarefa. Ora, a dura experiência da ultima guerra dá-nos a segurança de que a artilharia franceza saberá estar sempre á altura de sua missão, e que, em todas as phases do combate, a infantaria pôde contar com seu apoio efficaz.

Esta convicção nós a temos, e é partilhada por todos os officiaes de infantaria.

E' o caso de perguntar, se nós nos devemos felicitar por essa contradicção, mais apparente que real, que deu lugar a semelhante controversia! Desenvolvendo, assim, suas theses respectivas em suas Revistas de armas, artilheiros e infantes fazem um excellente trabalho de diffusão, cooperando desse modo no desenvolvimento da instrucção geral dos officiaes.

A controversia confirma este grande principio: que a elaboração dos regulamentos das armas deve ser obra de commissões constituidas por officiaes de todas as armas, para unificar a linguagem tactica empregada; que os regulamentos das armas devem seguir, e não preceder, a elaboração do Regulamento sobre o combate das Grandes Unidades, que fixa a Doutrina de combate de um Exercito.



Em França, onde os dois principios acima não têm sido postos em pratica, nós observamos os inconvenientes dessa maneira de proceder.

Não se dá o mesmo, felizmente, no Brasil, onde todos os regulamentos têm sido elaborados por commissões mixtas, que hauriram seus principios de emprego no «Regulamento para a Direcção das Grandes Unidades», formando assim um conjunto homogeneo, que muitos exercitos europeus nos deveriam invejar.

Ten. Cel. Pascal.

## TECHNICOS

E' opportuno tratarmos d'este assumpto capital no preparo da defesa nacional quando já, não só se esboça apenas, mas accentúa-se, cada vez mais, de anno para anno, a crise de technicos militares para nossos estabelecimentos fabris militares, repetindo-se pela mesma forma, con quanto não pelas mesmas causas, o phenomeno anormal, a verdadeira anomalia que se deo ha annos com os primeiros postos das armas de engenharia e artilharia principalmente, em que ficaram vagos, em quasi sua totalidade em uma e em outra na totalidade, por imprevidencia absoluta dos organisadores de planos de Ensino Militar, que conceberam-n'os de fórmas a permittirem essa anormalidade; agóra o phenomeno repete-se pela mesma forma, quanto aos technicos, con quanto não pelas mesmas causas, pois agóra está bem claro no plano do Ensino Militar, que está vigorando, dever existir uma Escola de technicos de Artilharia e Engenharia, prevendo-se ahi até a fórmula como se elles devem organisar, quanto ao recrutamento de professores etc.

Porquê, no entanto, todas as Escolas do plano geral de Ensino Militar fóram criadas até agóra, menos a dos technicos?

A crise já não está francamente estabelecida? Já não se vêm nos estabelecimentos fabris militares quasi que só officiaes subalternos sem cursos technicos, possuidores apenas de cursos de armas, excellentes cursos, mas de armas e não technicos de fabrico?

Deferirá muito do estado a que chegámos quando nos regiamos pelos planos

de Ensino anteriores ao actual, em que a penúria de officiaes subalternos para as armas de artilharia e engenharia chegou a pontos de, então, vermos os postos de 1.os e 2.os Tenentes d'essas armas ocupados por officiaes sem curso algum?

Penso que o paralelo feito indicará que agóra a crise é mais gráve, pois si se conseguia que esses officiaes preenchessem mais ou menos essas funcções nos corpos de armas cujos cursos não possuiam, (e isto em tempos em que a instrucao militar especializada não havia chegado ao apuro de hoje, entre nós), aqui, n'este caso, eu penso difficilmente se poderá sonhar que um official não possuindo um curso technico desempenhe funcções technicas efficientemente, *maximé* em postos technicos de immediata immissuição como serão os em que esses officiaes deverão figurar como guias technicos dos mestres e contramestres, nos quaes estarão em contacto immediato com os problemas mais prementes e praticos da technica; com a complexidade dos meios de que dispõe a industria moderna para a producção economica, com o rendimento maximo, em que se jóga com as mais recentes applicações da sciencia, não é de um momento para outro que o individuo passa a ser um technico; não é possivel, por uma simples designação, transformar-se um oficial de arma em um technico. Hoje, e cada vez mais, um technico faz-se n'uma vida e si ter frequentado escolas technicas é uma presunção apenas de que o individuo conhece a matéria, isto estando longe de garantir que elle seja um technico, o que diremos dos que não apresentam nem essa presunção a amparal-os?

A consequencia de continuarem os cargos technicos sem ser ocupados por technicos é a inefficiencia das nossas fabrícias militares, como tem-se dado até agóra, apezar de serem fabrícias que contam com 600:000\$000 annualmente para desenvolverem-se e que têm rendimentos (ou possibilidades de rendimento), pois vendem seos productos aos corpos e estabelecimentos militares, segundo as ordens em vigór, (que, penso, deveria ser ampliada, quanto a certos artigos, para todos os estabelecimentos e serviços publicos).

Feliz o industrial que pudesse contar com um presente annual por tal fórmula principesco!... Aonde iria elle parar de

prosperidade e desenvolvimento, applicando economicamente tal ajuda?!

Desde a organisação económica das fábricas, com seus diversos departamentos, em que o trabalho fique perfeitamente dividido, em que não hajam tempos mortos nem para o pessoal, nem para as máquinas, como prevê-se pela applicação do *Taylorismo*, em que os factores tempo e trabalho estejam utilizados no maximo, como mandam os principios de organisação das usinas, até ás especialisações bem caracterisadas, em que cada especialista saiba de sua especialidade para poder obter o maximo em qualidade e quantidade, tudo isto é impossivel improvisar-se, nascer-se sabendo; é preciso aprender e só em: Escolas com organisação apropriada se aprende mais facil, pois que systematicamente.

Sejam depois as Fábricas e Arsenais as escolas que, durante a vida do technico, o vá aperfeiçoando n'aquillo que na Escola Technica lhe ensinaram como *embocadura*; mas esperar que leigos, cahindo de repente na grande industria como são a do aço, a do ferro, a dos metáis quase quer, a chimica de explosivos, a electrica, etc., tomem pé e aprendam qualquer cousa, é erro vulgar de senso communum, e se erro é julgar elles aprendam apenas alguma cousa, que diremos de esperar-se que esses officiaes, assim, colhidos de surpresa, *dirijam*, *guiem* especialidades industriais, como é sua função nas fábricas militares! (85 % de qualidades technicas sobre 15 % de administrador é a proporção de Taylor).

Já não trago para aqui, realçando, (por muito batido e estar na consciencia de todos nós) o absurdo de esperarmos que o mesmo individuo possa ser hoje official de artilharia de campanha, amanhã official technico de fabrico e depois official de artilharia de costa. É uma mentira viva o official de artilharia n'estas condições, que sabe tudo e nada sabe a fundo.

Costumo dizer que este estado de coisas só é comparavel á guerra de montanha que, ensina-nos a tactica, deve ser feita, passando-se de uma vertente á outra, atravessando-se pelas gargantas, para assim illudir-se o inimigo, cahindo-se sobre elle de surpreza. No nosso caso de official de artilharia-sabe-tudo, as vertentes são as ármas de artilharia de campanha e de costa e as fábricas militares,

as gargantas são os *pistolões* e o inimigo a — Nação — que só pode sahir perdendo de todo este estado de cousas.

No entanto, organizar para a guerra, formar um Exercito para defender uma nação é formar um sistema de homens, material e o saber capaz de combinar uns e outros, para tirar-se o maior rendimento em energia efficiente d'esse sistema.

Organizar para guerra só homens n'uma nação e *emprestar-lhes* tudo, mandando vir do exterior todo o material de guerra e até o vulgar, é fazer um *postigo*, é só fazer superstructura, ornamentação sem base, sem o arcabouço sólido que as obras bem planeadas devem ter.

Por mais difficult que pareça, comece-se e depois ver-se-á que o tempo é um auxiliar poderoso, se aliado á bôa vontade.

As cozinhas de campanha nacionáes já surgiram; mas para diante virão os canos das carabinas fabricados por nós, as substituições das almas dos canhões; mais tarde os canhões por cintamento, por expansão radial e o mais; o que se não puder obter da industria particular, que vamos iniciando, mesmo a titulo de aprendizagem, nas Escolas Technicas, mas comecemos a formar um cabedal de conhecimentos, de especialidades, nas gerações que surgem, mas isto systematicamente, dia a dia, nos gabinetes, nas officinas de experiencias, nos laboratorios officiaes, n'essas Escolas, pois, os annos vão passando e se esses centros de conhecimentos technicos não forem aparecendo, formando uma tradição de vida technica, seremos sempre e cada vez mais os escravos ignorantes das raças fortes que estudam, trabalham e sabem explorar as que se vão deixando ficar paradas, isto é, retrocedendo, pois que um povo que não trata de sua instrucção technica-profissional, sobre tudo da militar, não fica só parado e sim vâe caminhando para traz, retrogradando no movimento relativo das orbitas dos demais povos.

Só a execucao do plano de Ensino Militar, relativo á criação das Escolas Technicas entre nós salvará nossa industria militar, permitirá pouco a pouco irmo-nos libertando da dependencia em que vivemos do estrangeiro quanto a tudo que é elemento de energia, de efficiencia para a guerra.

Organisemos a nossa força technica, pois que hoje as nações ganham as guerras mais pelo poder dos exercitos industriais que pelo dos exercitos armados apenas e que não contam com as reservas compostas de toda a força organisada das industrias nacionaes.

Se o problema de iniciar a formação dos quadros technicos é difficult de resolver pela complexidade de previsões a serem estabelecidas, minucias a serem lembradas, exigencias a se firmarem, etc., todas assecuatorias da efficiencia, que o novo quadro deverá imprimir ao fabrico do material de guerra indispensavel e que a industria particular não produza ainda, se isto é verdade, estabeleça-se um criterio qualquer, mas rigorosamente sincero e forme-se o quadro, buscando-se os technicos militares nacionaes aonde elles estiverem, sem distincção de armas a que pertençam, pelo que já realizaram, *pelo factos*, e caldeiem-se-os com technicos estrangeiros que se julgar dever admittir provisoriamente no quadro, com vantagens pecuniarias eguaes ás dos technicos nacionaes em condições de chefiarem especialidades e assim, o embrião do organismo da industria militar entre nós se desenvolverá e virá em breve a dar fructos. Não plantar, ficar no que estamos é que é lastimoso desperdicio de dinheiro, de energia e, peór ainda, é continuar a triste cultura da illusão official, ao mesmo tempo que favorecer ir o afrouxamento do modo de ser psychico dos corespondaveis por essa superfectação que é a nossa industria militar, corespondaveis que somos todos nós que dentro d'ella vivemos, cada vez se accentuando mais, diante da impotencia para reagir, do manietamento systematico ás tentativas de realizações as mais sinceras e ponderadas, do garroteamento que as circunstancias armam, que as fatalidades atavicas de raça permitem e os vicios de educação e ethica consentem, até que, com os annos, tornemo-nos automatos, cumplices na mentira, no asphixiamento da nacionallidade, sem mais personalidade, sem caracteristicos de resistencia e de sinceridade, levados no roldão inconsciente dos nulos, sem deixar de nós uma lambrança de que tenhamos sido uteis á nossa classe e ao paiz.

E' com absoluta sinceridade que fallo a este respeito e sem intuito de salientar-me, ou, ser hostil a alguem, culpando

este ou aquelle, mas nascem da minha consciencia, de minha convicção profunda estas reflexões, agora mais do que nunca, ao ver quão difficult é conhecer-se alguma cousa de *verdade*, no que diz respeito á sciencia applicada, á technica, principalmente quando se adquirissem esses conhecimentos á custa propria, sem a systematisação que um curso especialisado guia dor vae estratificando no espirito, pois com muito menor esforço teria chegado a especialisar-me n'esta technica se a nação já pudesse ter-me facultado esse caminho quando, ha quinze annos, comecei a dedicar-me á technica electrica.

Assim, mais uma vez venho á brécha, bater-me pela formação do *quadro technico* como a unica fórmula de resolver-se o problema maximo de nossa *organisação militar*, qual seja a de nossa producção de armas e artefactos de guerra, aproveitando o mais possivel a materia prima, a mão de obra e a direcção nacionaes, pois só n'estas condições viremos a ser uma organisação politica independente.

*Capitão Flavio Queiroz Nascimento.*

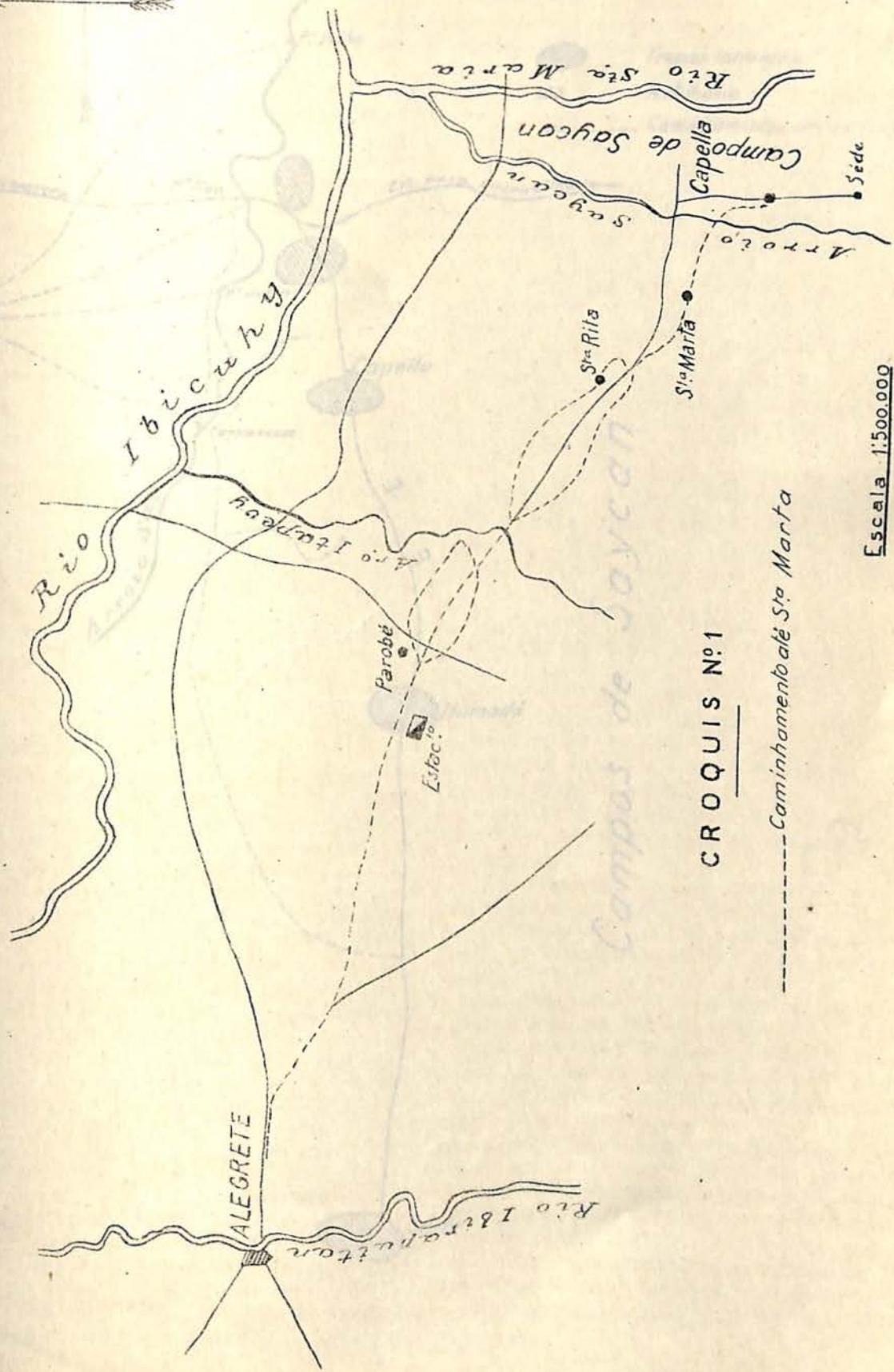
## RECONHECIMENTO FERLICH.

**Echo das Manobras com tropas, realizadas em 1922, nos Campos de SAYCAN.**

A Divisão Provisoria de Cavallaria (Partido Oeste), estacionada a 22 de Abril na região Leste de *Alegrete*, recebe iordens de continuar a marcha, a 23, na direcção geral de *Rosario*, com a missão de reconhecer as forças inimigas (Partido Leste) que tivessem atravessado o *Rio Sta. Maria*, e de assegurar á columna da esquerda de seu Exercito o desembocar para Leste do *Arroio Saycan*.

As unicas informações recebidas diziam que, provavelmente, os elementos avançados do Exercito inimigo, em marcha de *S. Gabriel* para *Rosario*, estavam a Oeste do *Rio Sta. Maria*.

O General Cmt. da D.C. resolve enviar uma descoberta, composta de um destacamento (um esquadrão) e alguns reconhecimentos de official. Aqui, só nos ocuparemos do reconhecimento *Ferlich*, lan-

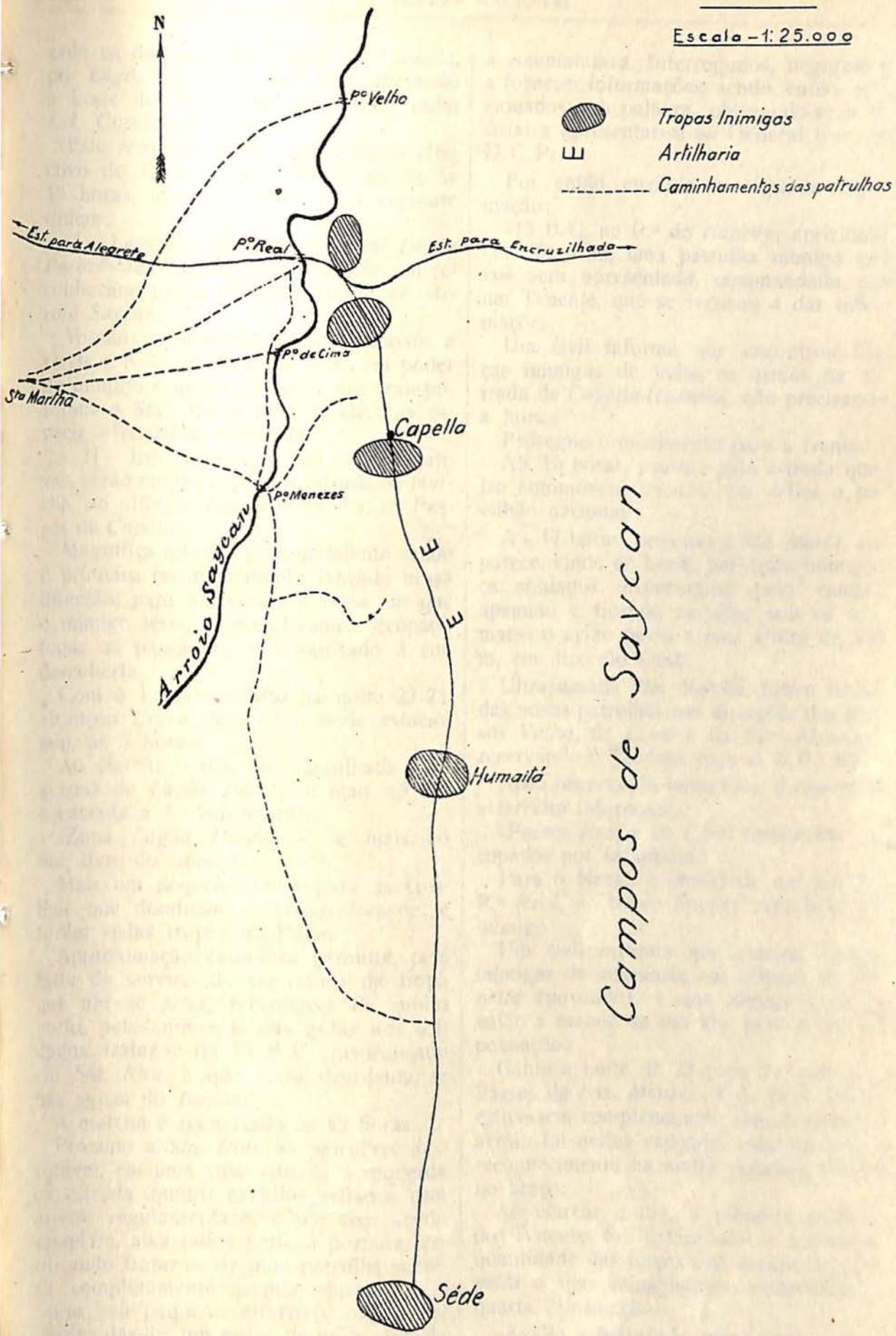


CROQUIS N° 1

Caminhamento até Sra. Marta

Escala 1:500,000

Escala - 1:25.000



gado na direcção dos Passos de *Capella*, por *Lagôa Parové*, e *Sta. Rita*, operando a Leste do Arroio *Saycan*, até á linha *Est. Corte-Séde* (ou Corte).

Este reconhecimento, que tinha o efectivo de 12 h. e um official, partiu ás 19 horas, apóz ter recebido a seguinte ordem:

«I — Lançar-se na direcção geral *Lagôa Parové-Sta. Rita-Passo da Capella*, em reconhecimento na margem direita do Arroio *Saycan*.

Missão: — Reconhecer se os Passos a Oeste e N.O. de *Capella* estão em poder do inimigo e quaes as forças que transpuseram o *Sta. Maria* para Oeste, sua especie e posições ocupadas.

II — Informações, ainda que negativas, serão enviadas para a estrada de marcha, ao atingir *Lagôa Parové* e os Passos de *Capella*.»

Magnifica missão, principalmente sendo o primeiro reconhecimento lançado nessa direcção, para atravessar a zona em que o inimigo teria, provavelmente, ocupado todas as passagens e organizado a sua descoberta.

Com o 1.º lance, feito na noite 22/23, alcançou *Cerca de Pedra*, onde estacionou, ás 3 horas.

Ao clarear o dia, foi vasculhada toda a zona de *Lagôa Parové* e mais ao Sul e enviada a 1.ª informação:

«Zona *Lagôa Parové* — e mais ao Sul, livre do inimigo.»

Mais um pequeno lance para as coxilhas que dominam o Arroio *Itapevy*, e foram vistas tropas no Passo.

Approximação cautelosa permite, pela falta de serviço de segurança da tropa que ahi se acha, reconhecer de muito perto, pelos numeros das golas dos soldados, tratar-se do 15 B.C., neutralizado em *Sta. Rita*, e que viera desedentar-se nas águas do *Itapevy*.

A marcha é reencetada ás 12 horas.

Proximo a *Sta. Rita*, as patrulhas descobrem, em uma casa situada á esquerda da estrada, quatro cavallos sellados com arreios regulamentares e um com arreio campeiro, amarrados junto á porteira, verificando tratar-se de uma patrulha inimiga completamente despreocupada.

Por seu pequeno efectivo, o Tenente resolve dar-lhe um golpe de mão, afim de fazer prisioneiros e colher informações.

Cercada a casa, é a patrulha aprisionada toda inteira, inclusive o Tenente que

a commandava. Interrogados, negaram-se a fornecer informações, sendo, então, aprisionados sob palavra, obrigando-se o oficial a apresentar-se ao General Cmt. da D.C.Pr.

Foi então enviada a segunda informação:

«15 B.C. no P.º do *Itapevy*; aprisionei, em *Sta. Rita*, uma patrulha inimiga que vos será apresentada, commandada por um Tenente, que se recusou a dar informações.

Um civil informa que encontrou forças inimigas de todas as armas na estrada de *Capella-Humaitá*, não precisando a hora.»

Prosegue o movimento para a frente.

A's 16 horas, passam pela estrada quatro automóveis, levando um delles o pavilhão nacional.

A's 17 horas, proximo a *Sta. Maria*, aparece, vindo de Leste, um avião inimigo; os soldados dispersam-se pelo campo, apeando e ficando occultos sob os animaes; o avião passa a uma altura de 500 m, em direcção Oeste.

Ultrapassada *Sta. Martha*, foram lançadas novas patrulhas nas direcções dos passos *Velho*, de *Cima* e da *Faz. Menezes*, reservando o Tenente, para si, o P.º *Real*.

Apoz observação minuciosa, é remettida a terceira informação:

«Passos *Real* e de *Cima* fortemente ocupados por Infantaria.

Para o Norte, a contar de um km. do P.º *Real*, o Arroio *Saycan* está livre de inimigo.

Um civil informa que existem tropas inimigas de infantaria nas alturas de *Capella* (povoado), e que alguns canhões estão a menos de um km. para o Sul da povoação.»

Caiu a noite de 23 para 24; como os Passos da *Faz. Menezes* e de *Bom Retiro* estivessem completamente abandonados, o arroio foi nelles vadeado, estacionando o reconhecimento na matta proxima, redeas no braço.

Ao clarear o dia, o primeiro cuidado do Tenente foi determinar a especie e quantidade das forças que ocupavam *Capella* e suas imediações, remettendo a quarta informação:

«Avalio a Infantaria que ocupa a zona de *Capella* em um R.I.; as forças mais proximas do arroio dispõem de metralhadoras.

A Artilharia, mais ou menos duas baterias, está em posição a 4 km. S. E. do P.º *Real*, proxima á estrada *Capella-Humaitá*, escalonada em baterias.»

Insinuando-se por uma ravina, consegue attingir a casa *Crystalino dos Santos*, de onde observa movimentos de patrulhas de infantaria inimiga, guarnecedo diversos pontos entre *Humaitá* e *Corte*. Com a vinda da noite de 24 para 25, não foi possível determinar, com segurança, de que se tratava.

Foi enviada a quinta informação:

«Patrulhas de Infantaria proximas Depósito de Remonta; desse ponto para Leste, agrupamentos de Infantaria, parecendo Postos Avançados.»

A noite foi passada no banhado; o dia amanheceu com muita cerração e chuvoso, não permittendo observar. Só ás 12 horas, poude ser observada a região de *Humaitá* e *Corte*, confirmando a suposição da vespresa; uma bateria retirava-se pela Estrada *Capella-Corte*.

Foi enviada a ultima informação:

«Confirma-se a presença de tropas de Infantaria em *Humaitá* e *Corte*.»

Uma bateria retira-se pela estrada de *Capella-Corte*.»

Pela volta dos estafetas, recebeu o Tenente *Ferlich* ordem de retirar-se para a Venda de *Capella*, por estar terminada sua missão. A D.C. estava de posse de *Capella*.

O reconhecimento operou com precisão e no menor tempo possível; sua marcha inicial foi de 40 km. em 8 horas, na noite de 22 para 23; e de 42 km. durante o dia 23.

O dia 24 e parte do dia 25, o reconhecimento viveu dentro da propria zona ocupada pelo inimigo, tendo levado suas observações até os postos avançados da Posição principal.

Este reconhecimento mostra-nos uma missão de grande envergadura, levada a efecto por um official consciente dessa missão.

Todas as medidas de segurança, para a marcha e para o estacionamento, foram tomadas de tal modo que o Commando das tropas inimigas, sabendo que na zona

operava um reconhecimento de official, não o conseguiu descobrir, até o ultimo instante, apezar da sua permanencia na zona ocupada ter sido de 32 horas.

Parabens ao Tenente *Ferlich* e ao 7.º R.C.I.

Major *Paes de Andrade*.

## A RUPTURA DE BRZEZINY PELA 3.ª D. I. DA GUARDA, NA BATALHA DE LODZ

(Nov. 23 de 1914)

(Conferencia realizada pelo general *Litzmann* no Círculo Militar de Buenos-Aires. — Tradução de N. V.).

Uma consideravel massa russa, composta de 4 exercitos, com um effectivo total de 15 corpos, ás ordens do general *Russki*, se havia posto em movimento em principios de Novembro de 1914 contra as fronteiras das províncias da Silesia e Posen. A 11 de Novembro estava com sua ala direita, formada pelo II exercito russo, a O. da grande cidade fabril de Lodz, com a ala esquerda a E. de Cracovia.

Contra sua frente, tão superior numericamente, só se podia lançar mão, além das tropas austro-hungaras, de fracas forças alemães, em sua maior parte guarda nacional e territorial.

Mas, em frente ao flanco norte da massa russa, entre Jarotschin e Thorn, se concentrou, atrás de uma cortina de forte cavallaria, o Exercito de *Mackensen*, o IX, composto de 5 1/2 corpos de exercito alemães, que devia avançar de surpresa em direcção S. E., atacar, envolvendo, a ala inimiga em Lodz, contornala completamente e aniquilá-la, para envolver depois toda a linha inimiga, como tal era o plano de *Hindenburg* e *Ludendorff*.

A 11 de Novembro, o IX Exercito transpoz a fronteira; de 12 a 16 combateu com exito, entre o Vistula e o Warta, contra corpos russos avançados e alcançou a linha Ner-Bzura, essa faixa pantanosa situada 40 kilometros ao N. de Lodz.

Ahi se encontrava em pleno flanco de *Russki*, alcançando já com isso um resultado importante, pois as forças do general russo que a Entente, cheia de confiança, imaginara ser «a massa» que acharia com formidável potencia tudo quanto se oppuzesse aos seus passos pela Silesia e Posen até Berlim, não só se viram obrigadas a deter-se como tiveram sua ala norte obrigada a retroceder num trecho até E.

Agora podia começar o envolvimento dessa ala e iniciar-se a batalha de Lodz, a 17 de Novembro.

De O. avançava o XI C. E. prussiano, de N. o XVII e o XX contra a cidade das chaminés e 20 kms. a L. de Lodz, por Brzeziny, realizava o general von Scheffer com seu XXV Corpo de Reserva, a 3.<sup>a</sup> D. I. da Guarda e o C. C. de Richthofen, composto da 6.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> D. C., uma audaz marcha de flanco para conseguir o cerco de Lodz de leste ao sul.

Mas a decidida energia, a ferrea vontade do generalíssimo russo, o gran-duque Nicolão Nicolajewitsch, obrigou suas tropas, mesmo as dos corpos já batidos, a apresentarem a mais tenaz resistência e fez acudir, tanto ao sul, da frente de Russki, como de leste e norte, do outro lado do Vistula, novas e numerosas forças russas.

O C. E. XI foi atacado a 19 de Novembro em seu flanco sul e teve de realizar uma conversão para trás com sua divisão direita, em vez de apoderar-se da cidade de Pabianice, a S. O. de Lodz, para fechar o círculo.

A 21 de Novembro, o C. E. XX viu suas retaguardas muito ameaçadas a N. E., e o destacamento do Exército de Scheffer perdeu nesse dia suas comunicações por ter caído Brzeziny em poder do inimigo.

Ao mesmo tempo, se viu ameaçado pelo sul e por oeste.

O destacamento Scheffer havia desempenhado até então de forma brilhante sua missão. Havia-se apoderado a 18 de Brzeziny; a 19 forçou a S. E. de Lodz pontos de passagem do Miazga; a 20 tomou, luctando sempre vitoriosamente, a pequena cidade de Rzgow, a S. de Lodz.

Mas o C. E. XI não havia podido dar-lhe a mão; aí se estendia um largo claro dominado pelo adversário.

A 21 o destacamento se tinha mettido como uma cunha profunda nas massas russas agglomeradas em Lodz e que recebiam continuamente reforços do sul e de oeste.

Tinha realizado verdadeiros sacrifícios em combates que, dia a dia, eram mais sangrentos, para seguir luctando agora, nas circunstâncias as mais desfavoráveis, por tres lados.

Mas o valor das tropas não se havia abatido; seguiam elas confiantes na victoria.

Na frente N. da cunha luctava contra os russos, superiores em número, a 3.<sup>a</sup> D. I. da Guarda, apoiada pela 9.<sup>a</sup> D. C. do general conde Schinenow.

A linha de combate teve de estender-se em uma frente superior a 10 kms. de extensão, mas a idéa offensiva continuava viva. E' que sabíamos que mais ao N., em frente a nós, se encontrava o C. E. XX prussiano.

Confavamos que avançaria ao nosso encontro. Então, já seriam quebradas as massas inimigas que se achavam entre elle e nós.

Estavamos nas ultimas horas de 21 de Novembro, quinto dia da batalha de Lodz. Uma noite clara e estrelada cobria como uma abobada o sólo da Polonia, suavemente ondulado.

De sudoeste, onde na zona de Rzgow se achava combatendo dificultosamente a D. R. 49 como ponta da cunha, se percebia o ruído de

combate. Até o norte, onde estava o C. E. XX, se vislumbravam os clarões das peças de artilharia.

O commandante da Divisão da Guarda estava com seu oficial de E. M. na saída N. de Wickino.

Seus olhares se dirigiam para Lodz, cuja orla sul se achava em chamas, devido ao fogo de nossa artilharia.

De repente se levanta na cidade uma coluna luminosa roxa até o céo, um pharol enorme formado pelos reflectores. Surprese, os contemplavam! Mas ao darem volta viram, com assombro maior, analogas columnas de luz no longínquo N. E., ao S. E. e S.!

Então, reconheceram que o destacamento de exercito Scheffer devia estar cercado. Nós tínhamos querido cercar os russos que estavam em Lodz; agora os russos que acudiam deviam preparar-nos igual destino.

Em tal situação só havia uma resolução: redobrar nossos esforços e derrotar o adversário que se encontrava a L. de Lodz, antes que chegassem os corpos russos que vinham apressadamente em seu auxílio.

Por infelicidade, tive de fazer retirar a 9.<sup>a</sup> D. C. da linha de combate da Guarda, para garantir a retaguarda do destacamento de exercito; e isto não obstante ter de assaltar as povoações de Feliksin e Olechow, bem fortificadas e guarnecidas.

A senha e contra-senha deviam ser: Adeante, custe o que custar.

Chegou o dia 22 de Novembro.

Era o dia dos defuntos e correspondeu ao seu nome. Milhares de heróes alemães casaram.

Os regimentos da IX B. I., o Regimento de Instrução e os Fuzileiros da Guarda assaltaram Feliksin.

A povoação de Olechow foi atacada pela V Brigada, formada pelo 5.<sup>o</sup> Regimento a pé e o 5.<sup>o</sup> Regimento de Granadeiros da Guarda.

E' situada sobre uma altura, tendo uma extensão de 4 kms.; o terreno é plano e descoberto; a orla do povoado, formando um ângulo obtuso com a abertura para nós, está densamente ocupado; o fogo da infantaria e da artilharia russa é terrível. O commandante da divisão vê como sua linha de atiradores se detém e se aferra ao sólo uns 600 ms. em frente ao povoado.

Vê — e o sangue se paralysa em suas veias — como a bateria do capitão Lancelle avança ao galope até a linha de atiradores e deante della.

Será possível que, debaixo dessa chuva de fogo, possa chegar a desengatar uma só peça? Mas as 6 o conseguem e agora começam a lançar seu fogo rápido contra a orla do povoado.

Resonam os hurrahs! da infantaria, que se levanta e renova o avanço, indo ao assalto. Um momento admirável!

Toda a parte oeste do povoado está conquistada, mas a esperança de que o XX Corpo venha ao nosso encontro não se realiza.

E' certo que também tinha recebido ordens do Commando Superior do Exército, que estava em Hohensalza, de «anniquilar em união com a 3.<sup>a</sup> Divisão da Guarda, mediante uma offensiva

sem considerações, as forças inimigas que estavam a L. de Lodz e que, como nós, tinha a mais firme vontade de cumprir. Mas se viu atacado em seu flanco este e em sua retaguarda por forças russas muito numerosas e, com o coração opprimido, teve de resolver-se o comando a abandonar a idéa de offensiva e fazer realizar uma conversão para trás, de modo que sua frente, que até então tinha a direcção sul, agora obtinha a direcção leste.

A brigada da ala esquerda do corpo não pôde effectuar esse movimento; atacada por todos os lados, se viu empenhada em um combate desesperado...

Em Rzgow, na ponta da cunha, os russos renovavam seus ataques desde o sul, oeste e nordeste com redobrada energia. O Corpo XXV de Reserva resistiu valentemente.

Entretanto, a situação se fez critica no mais alto grão, quando forças inimigas numerosas avançaram mais a leste contra a parte sul da cunha, obrigando a 4.ª D. C., que se achava como segurança em Wolborka, a retroceder.

Essas forças transpuzeram o arroio para o norte. Era imminente, pois, o completo cerco do destacamento Scheffer...

Pouco depois das 4 horas da tarde, o general Scheffer se dirigio ao Commandante da Divisão da Guarda em Wiskitno, encontrando-o na saída norte do povoado.

Justamente quando pretendiam sentar-se juntos os dois chefes, ao lado de um pequeno fogo, para estudarem a situação, caiu uma granada de grosso calibre a poucos passos dali. Felizmente, não explodiu.

Pouco depois caiu uma segunda, e ambos os generaes se dirigem então para uma pequena habitação campestre que se encontra isolada.

Ahi o Commandante da Divisão expôz sua opinião. O destacamento de exercito deveria avançar luctando na direcção do ataque que até então seguia a Guarda, isto é, para o norte, pois assim se conseguiria da mais rapida forma estabelecer a união com o C. E. XX.

O general Scheffer se mostrou de acordo e prometeu ao Commandante da Divisão satisfazer seu pedido, pôr à sua disposição, para a ruptura, uma de suas divisões de reserva, devendo a outra cobrir na direcção de Lodz, como escalaõ do flanco esquerdo, enquanto que a 4.ª D. C. cobriria a retaguarda.

No Q. G. da Divisão reinava um ambiente de confiança no futuro.

As tropas da Divisão se haviam batido até então de modo brilhante e avançavam diariamente, apesar da superioridade numerica do adversario, graças á excellente cooperação que mutuamente se prestavam todas as armas.

O reforço prometido daria, na manhã seguinte, um novo impulso ao ataque. A ruptura para o norte era, para a divisão, a continuacão do avanço em que estava empenhada. Confiavamos no exito.

Mas os acontecimentos deviam desenrolar-se de outra forma. De noite se recebeu um radio-gramma do Commando Superior do Exercito, pelo qual o destacamento Scheffer devia marchar pelo mesmo caminho que adoptara na ida, isto é, primeiramente até leste, transpor depois o Miazga, para então dirigir-se para o norte, por Brzeziny.

O Comd. da D. da Guarda solicitou ao general Scheffer, por telephone, que mantivesse a decisão combinada, mas o general Scheffer resolveu proceder de accordo com a ordem de exercito.

A execucao era difficil. Toda a infantaria das tres divisões estava em estreito contacto de combate com o inimigo. Era duvidoso que se conseguisse um desprendimento sem que fosse notado.

Se os russos avançassem energicamente do sul, a passagem do arroio Miazga se encontraria muito ameaçada.

A ponte de Karpin devia ser utilisada não só pelas tropas combatentes como por centenas de viaturas de feridos, prisioneiros dos ultimos dias, columnas de munição, carros de viveres e forragens, e isto quando já no dia seguinte o inimigo podia interceptar a ponte.

As duas divisões do C. R. XXV deviam iniciar a retirada para Karpin ás 9 e ás 10 da noite marchando. A 3.ª D. da Guarda devia inicial-a «não antes da meia-noite» e cobrir a retirada.

Mas transcorreram horas até que se pudesse tirar da linha de combate as tropas. Foi uma sorte que o adversario, cançado pelas luctas anteriores, não prestasse attenção aos ruidos inevitaveis.

Dormia, e assim o C. R. XXV pôde pôr-se em movimento, sem ser molestado, entre 11 e 12 horas da noite.

Marchando lentamente, todas se dirigiam através a planicie solitaria invernal, a infantaria cheia de somno, os cavallos famintos.

Columnas de carros e columnas de prisioneiros marchavam intercaladas entre a infantaria.

Depois, paralysou-se o movimento. Tiritando de frio estava a tropa na noite glacial de 22-23 de Novembro, castigada por um vento cortante. O café se havia gelado nos cantis; quem possuia ainda um pequeno pedaço de pão tratava de atafulhá-lo na boca.

A's 3 h. da manhã devia pôr-se em marcha a retaguarda da 3.ª D. da Guarda, mas até essa hora não se pôde evacuar e attender a todos os feridos numerosos do campo de combate de Olechow.

E nenhum desses heróes devia cair nas mãos do adversario.

Enfermeiros e cirurgiões fizeram esforços sobrehumanos, mas transcorreu muito tempo até que todos os feridos pudesse ser collocados para o transporte nos carros das columnas e bagagens ou mesmo sobre as peças.

Uma parte teve de ser collocada em carros encontrados e que, por falta de cavallos, foram arrastados por prisioneiros russos.

Eram 7 h. quando a retaguarda, e com ella o Comd. da Divisão, alcançou o caminho que conduz de Rzgow a Karpin.

Sobre este caminho, coberto de neve, se achavam tres e quatro columnas paralelas, como immobilisadas. Mais adeante cahia fogo de artilharia inimiga na calçada, interceptando-a para a continuacão da marcha.

Impunham-se medidas immediatas. O official de E. M. da Divisão, major von Wulfen, conseguiu, fazendo desviar as testas das columnas para o norte, através do gelado campo

arado, obter que novamente se puzesse em movimento pouco a pouco a massa detida.

E' certo que mais de uma granada explodiu na massa e nos causou perdas, o que prova que o inimigo do sul tentava tambem avançar offensivamente com forças importantes contra nosso flanco.

Mas alli se encontrava o major Reinhard com dois batalhões e baterias da Divisão da Guarda; era o verdadeiro homem com as verdadeiras tropas para impôr alto mesmo a uma superioridade multipla.

Protegeu o flanco no combate de Wardzyn durante varias horas, até que, tendo cumprido inteiramente sua missão, pôde reunir-se à Divisão, que havia passado o Miazga, alguns kilometros ao norte de Karpin.

Em Karpin estava desde as 6 da manhã o general Scheffer, que vio desfilar a columna em retirada, mostrando-se infatigavel, junto com seu E. M., em reorganizar as unidades misturadas e determinar-lhes as direcções de marcha convenientes.

Para alcançar Brzeziny, o destacamento, depois de transpôr o Miazga, devia realizar uma conversão para o norte.

A D. R. 49.<sup>a</sup> devia tomar o caminho Karpin-Bzzeziny, que passa pelo grande povoado de Borowo.

A Divisão de Reserva 50.<sup>a</sup> devia marchar a sua direita, por Chrusty Nowe; ao passo que a 3.<sup>a</sup> D. G. seguiria à esquerda, pelo bosque de Galkow, que se estende em uma profundidade de 6 kms. e na largura de 3 a 6 do caminho de Borowo.

A 4.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> D. C. deviam encarregars-e da cobertura da retirada, frente ao sul.

A vanguarda da D. R. 49.<sup>a</sup> havia passado por Borowo muito adeantada em relação às vanguardas das outras divisões, pelo que estava sem segurança tanto à direita como à esquerda, às 7 h. 30 m. já tendo cruzado a via-ferrea que de Lodz se dirige a leste, em direcção a Skiernewicz-Varsovia.

Nesse momento, foi surprehendida por um fogo violento de frente e de flancos. Com todo o cuidado se desenvolveu para o combate, conseguindo rechassar, felizmente, os russos, que tinham passado ao assalto.

Mas sempre avançavam de novo massas de infantaria dos tres lados contra ella e do bosque de Galkow cavalaria inimiga se lançou à carga contra seu flanco e retaguarda. Também a esses conseguiu rechassar. Entretanto, depois de ter estado 9 horas, sem auxilio, resistindo aos ataques russos sempre renovados, ficando uma peça atrás, outra fôra de combate, a munição exgotada e o pessoal de serviço ferido ou morto, chegou o fim da vanguarda. Só pequenos restos abriram caminho para o sul, e o inimigo atacou foguetes para festejar alegremente o triunfo, dansando ao redor das peças conquistadas.

Foi um dia funesto para a D. R. 49.<sup>a</sup>.

Seu valente commandante, o general von Waenker, tinha encontrado em Borowo a morte dos heróes, tendo sido ferido gravemente seu official de E. M. Foi por isso natural que o combate soffresse uma interrupção na sua conducta.

A D. R. 50.<sup>a</sup> chegou ás 3 h. 30 m. da tarde á leste da 49.<sup>a</sup>, no leito da via-ferrea, chocando-se ahi igualmente com o inimigo superior, vendo-se obrigada a defendêr-se.

E' certo que conseguiu manter-se em uma lucta desesperada, mas a situação geral do XXV Corpo era na noite de 23 demasiado séria.

Os effectivos de combate, devido ás grandes perdas, se tinham reduzido extraordinariamente (ambas as divisões de reserva contavam reunidas uns 4.000 fusis<sup>(1)</sup>; a munição escasseava; era duvidoso que se pudesse romper a forte barreira que apresentavam os russos na via-ferrea; igualmente o seria se as D. C. fossem capazes de avançar detendo por mais tempo o adversario que avançava contra a retaguarda.

Da 3.<sup>a</sup> D. G. nada se sabia; todas as tentativas para estabelecer as communicações com ella tinham fracassado.

O Q. G. do Corpo via approximarse o dia seguinte com uma justificada preocupação; mas o general Schetfer ordenou para 24 ás 6 da m. a renovação da tentativa de ruptura.

A hora em que partiu esta ordem, 8 h. 45 m. da noite, a 3.<sup>a</sup> D. G. no bosque de Galkow tinha rompido a posição russa ao longo da via-ferrea e já havia uma hora que continuaria o avanço para Brzeziny.

Tambem ella tinha estado empenhada em violentas luctas.

A primeira brigada que transpôz o Miazga, a VI, do general von Friedebrug, tinha chocado já na orla sul do bosque de Galkow com forças inimigas. Conseguio rechassal-as para o interior do bosque. Depois transpôz o arroio a V B. I. do general von Below.

A ambas as brigadas o Comd. da Divisão designou a orla norte dos bosques como primeiro objectivo.

Ao meio-dia se iniciou a marcha para alli, uma brigada ao lado da outra.

O Comd. da brigada de artilharia, general conde von Schweinitz, foi encarregado da segurança da retaguarda, para esse fim se pondo á sua disposição a massa de sua excellente artilharia<sup>(2)</sup>, duas companhias de metralhadoras e meio batalhão do 5.<sup>o</sup> Regimento de Granadeiros da Guarda, sob o commando do major Roosen. A tudo isso se juntou uma companhia que o capitão von Plessen tinha formado com a escolta de bagagens e pessoal disperso. Todo fusil existente deveria ser aproveitado.

Em consequencia das graves perdas dos ultimos dias, os 4 regimentos de infantaria da divisão só contavam uns 4.000 fusis ao todo.

A maior parte dos officiaes havia cahido morta ou ferida, mas a tropa estava animada de um espirito admiravel.

(1) A D. G. tinha entregue 2 baterias para reforçar a D. R. 50.<sup>a</sup>.

(2) A B. A. da 3.<sup>a</sup> D. G. se tinha constituido ao decretar-se a mobilização com os elementos da Escola de Tiro de Artilharia de Campanha. A disciplina e a instrução eram de primeira ordem; chefes de grupos e comds. de baterias eram mestres em seu officio.

Apenas se achavam então com a Divisão o II gr. (major Ruhstrat) do 5.<sup>o</sup> R. e todo o 6.<sup>o</sup> R. A. C. da Guarda.

Confianto orgulhosamente nella, o comdt. da divisão tinha tomado a firme resolução de romper com sua infantaria para o norte, pelo bosque de Galkow, e alcançar o cruzamento de caminhos de Brzeziny.

Alli se estaria na retaguarda do adversario que luctava contra o Corpo XXV de Reserva e se poderia alliviar, do melhor modo, sua situação.

Combates em bosques em grande escala apresentam consideraveis difficultades á condução, por causa da falta completa de domínio visual.

Originam frequentes episódios de surpresa, pois as linhas de luta das tropas inimigas se mesclam entre si.

Foi o que se deu neste caso. As duas brigadas de infantaria, quebrando a resistencia do adversario, tropas siberianas que enchiham o bosque, se achavam em avanço de moita em moita, havia um par de horas, quando de repente detrás dellas, no angulo S. O. do bosque, apareceram siberianos que abriram fogo a curta distancia contra a massa da columna de carros da divisão que alli se achava.

Produziu-se o panico. Centenares de veículos dispararam em selvagens corridas, para leste, através do campo. Mas a infantaria do major Roosen rechassou os atacantes.

Pouco depois, umas duas companhias inimigas atacaram pelo angulo S. O. do bosque as retaguardas do grupo de artilharia Ruhstrat, que alli estavam fazendo fogo frente a Lodz. Apoderaram-se da bateria da ala direita, mas imediatamente se fez dar meia-volta ás peças das duas outras baterias, que vomitavam fogo contra a bateria irmã perdida.

Então, foi ella reconquistada, se bem que com grandes perdas.

O distinto major Ruhstrat cahio tambem, mas os russos muito poucos escaparam.

O Comdt. das divisões foi testemunha dos acontecimentos descriptos. Havia dado pessoalmente as ordens aos tres comdts. de brigada, tinha observado a entrada da infantaria no bosque e o deslise da artilharia sobre as suaves alturas da margem E. do Miazga e dirigio-se depois aos feridos que estavam nos numerosos carros detidos na orla sul do bosque.

Os bravos soffriam voluntariamente a dôr, a fome e o frio, só tendo um temor que os atormentava, e que era cahir nas mãos do adversario.

Com palavras cheias de confiança e vivo aperto de mão, prometteu o chefe livral-os desse destino.

Depois seguiu com seu Q. G. atrás da infantaria através do bosque.

Na ramagem das arvores estalavam as granadas russas; no chão lamentavam-se siberianos gravemente feridos; entre as moitas se viam esgueirar-se ainda, dispersos, silhuetas côr de terra com seus gôrros de pelles cintzentas; entregavam-se prisioneiros aos officiaes do Q. G. ou á escolta.

A infantaria, e com ella a companhia de sapadores da divisão, estava em frente á posição russa e no terrapleno e cortes da via-ferrea.

Entre as duas frentes de combate se estendia um claro de bosque, cujo franqueamento á luz do dia havia custado muito sangue.

O Comdt. da divisão resolveu por isso esperar a proxima chegada da escuridão.

Todos descansavam na neve; os que não estavam na 1.ª linha se entregavam a um curto, mas profundo sono, sem preocupar-se do estalido das granadas inimigas.

Mas depois um impressionante «hurra» da esquerda deu o signal de avanço geral.

O Comdt. da divisão tinha avançado com a linha de atiradores.

Não tinha razão de ficar atrás, no obscuro bosque; nenhuma parte havia recebido. Por isso, o Comd. da divisão sentio-se feliz em poder avançar ao assalto, espada á mão, contra o inimigo, pela 1.ª vez depois do anno de 1871.

A posição russa foi conquistada...

Agora se tratava de aproveitar o exito tatico parcial em beneficio do conjunto. Enquanto as tropas reorganisavam suas unidades, partio, ás 7 h. 25 m. da noite, do gallinheiro do guarda-via de Galkow, a nova ordem de divisão para a continuaçao da marcha para Brzeziny.

O general conde Schweinitz recebeu instruções para a continuaçao da marcha da artilharia e columnas. Ao general von Scheffer se enviou uma parte sobre o exito da ruptura e sobre a intenção de prosseguir a marcha, mas essa parte não o alcançou.

Os chefes de regimento se apresentaram ao Comdt. da divisão, solicitando que primeiro se fizesse descansar as tropas durante algumas horas, porque o seu exgotamento era muito grande.

Mas era de absoluta necessidade alcançar o mais cedo possível Brzeziny, para cortar as comunicações do inimigo que se oppunha ao corpo de Scheffer.

Para isso devia-se exigir o maximo da nossa tropa.

Para dar o exemplo, o Comdt. da divisão, de 65 annos de edade, seguiu desde então a pé; os officiaes do Commando o acompanharam.

Fora dos caminhos e trilhos se continuou a marcha através da luz vacilante das estrellas. As noites que se haviam passado velando e combatendo nos ultimos tempos, a fome e o frio glacial realmente nos tinham fatigado em alto grão.

Marchavamos mortos de cansaço, tropeçando no chão arado, gelados, calindo e levantando para seguir a marcha. Em ninguem desapareceu a boa vontade.

O povoado de Galkow foi alcançado e cercado. Os russos, dormindo, foram tirados das casas e aprisionados. Depois prosseguio-se a marcha. O trio era extraordinario. O excesso de fadiga occasionava estranhas perturbações dos sentidos.

As estrellas começavam a descrever ante nossa vista curvas admiravelmente traçadas. E a marcha parecia não acabar!

Teríamos perdido o rumo?

Então, vimos as tumbas de camaradas queiros que haviam cahido cinco dias antes do nosso avanço; soubemos assim que estávamos a 3 kms. de Brzeziny.

A's 3 h. da manhã, se fez alto a S. O. da cidade e se destacou uma grande linha de atiradores.

Dessa direcção era certo que nenhum russo nos esperava. O ataque devia realizar-se de sur-

preso e envolventemente quanto á parte occidental da cidade.

Iniciou-se o avanço com fusis descarregados.

Uma guarda exterior inimiga foi eliminada a bayoneta; entramos na cidade sem dar um tiro.

O exito animou novamente as tropas. Continuou-se adeante pelas ruas obscuras. A direita e á esquerda saltavam as portas das casas; granadeiros e fuzileiros irrompiam nos edificios e tiravam delles os russos que dormiam.

O que se não rendia promptamente era logo derrubado silenciosamente.

Mas na praça central chegou-se a lutar encarniçadamente, e o russo, despertando-se, fazia fogo das janellas e portas.

Foi, porém, dominado. Os edificios que rodeavam a praça foram conquistados a viva força.

Então, resolveu o Comdt. da divisão dar, finalmente, a suas tropas mortas de cansaço o tão merecido descanso, partindo ás 5 h. da manhã a ordem correspondente.

Que ficasse a parte oriental da cidade provisoriamente em poder do adversario, não importava. Era indispensavel volver a tomar alento.

A tropa havia 28 horas que marchava ou combatia sem interrupção.

Por isso, alojou-se em massa nos edificios das immediações da praça; estabeleceram-se guardas; forte destacamento permaneceu prompto para o combate; o commando da divisão tambem se alojou em um edificio, depois de tirar das camas de seu descanso nocturno alguns officiaes do commando do IV C. E. Siberiano.

Infelizmente, o general russo que comandava esse corpo conseguiu escapar.

Ao Commando do nosso XXV C. E. R. se enviou parte por meio de uma patrulha de cyclists, que tambem levou ordens para o general conde von Schweinitz, de accordo com a nova situação.

O descanso apenas durou 1 hora, pois numerosas forças inimigas irromperam em Brzeziny, do sul e de leste. Chegou-se a luctas violentas nas ruas, nas quaes novamente se distinguiu o major Reinhard.

Entre a chuva de projectis, avançavam os bravos sapadores até a parte oriental da cidade, incendiando-a.

Os russos que se tinham estabelecido alli fiveram de sahir de seus esconderijos, sendo aprisionados.

No transcorrer da manhã, chegou a Brzeziny, causando geral alegria, o general von Friedeburg com uma parte de sua VI B. I. da Guarda. Na noite de 23, depois de assaltar o corte da via-ferrea, havia continuado o avanço para a orla N. do bosque de Galkow; mas não recebeu a ordem de proseguir a marcha. Também 4 peças que pareciam ter-se perdido na marcha pelo bosque se incorporaram de novo.

Assim, pois, com excepção das tropas ás ordens do general conde von Schweinitz e de 2 batalhões que no dia anterior se haviam entregue á D. R. 50, o Comdt. da divisão tinha reunido agora as partes combatentes de sua divisão.

Até meio-dia se havia conseguido fazer retroceder a grande distancia os russos que estavam a L. e S. de Brzeziny. Então se reuniram todas as forças em uma altura ao S. da cidade. Com frente para S. estavam orientados para o combate os infantes e sapadores; em cada ala estavam 2 peças.

Com especial tensão se dirigiam nossas vistas para o sul; ahi no horizonte se quedavam a ver as nuvens da explosão das schrapnels allemaes.

O ataque do XXV C. E. R. parecia progredir...

Ao amanhecer, a artilharia desse corpo tinha renovado o fogo.

No Q. G. do Corpo de Exercito rezou uma missa campal o distinto capelão von Wodtke, que, infelizmente, tombou mais tarde.

Ante as luctas proximas, luctas de vida ou morte, ante a ameaça de destruição total, suas palavras impressionaram profundamente a todos os ouvintes.

Enviou-se ao commando do C. E. XX o seguinte radiogramma: «O XXV Corpo não pôde progredir. Grande escassez de munições e de subsistencias. Peço urgente auxilio em direcção a Brzeziny. Situação grave.»

A gravissima situação do Corpo XXV não pude expressar com maior clareza.

Na extrema ala esquerda do corpo se encontrava em combate o general conde von Schweinitz, com a artilharia da 3.ª D. da Guarda e o batalhão Roosen.

Nas ultimas horas de 23 de Novembro, tinha recebido ordem de reunir-se á sua divisão, mas a exploração demonstrou que o claro que a ruptura havia feito na posição inimiga ao longo da via-ferrea havia sido fechado de novo.

Além disso, encontravam-se russos no bosque.

Nestas condições, não era aconselhável pôr em marcha a grande columna de artilharia com sua tão fraca protecção de infantaria nos estreitos caminhos interiores do bosque.

Este chefe, tão resoluto quanto circunspecto, deu então um exemplo de como se devem modificar as ordens recebidas quando as circunstancias assim o aconselham.

Resolveu predispôr sua artilharia entre Boroivo e o bosque de tal forma que ficasse em condições de apoiar pela madrugada a D. R. 49.ª. A bateria Lancelle, com fraca infantaria protegeu as retaguardas.

Eram de certo fracas forças, mas a artilharia da Guarda havia infundido no dia anterior tal respeito aos russos que estes, não só não se atreveram a continuar atacando como se entrincheiraram na margem occidental do Miazga, intervindo, além disso, só com suas peças de artilharia.

Às 8 da manhã começou o ataque da infantaria. As baterias da Guarda abriram de forma exemplar o caminho de avanço ao batalhão Roosen. Mas esta infantaria e a da D. R. 49.ª eram demasiado fracas para quebrar a resistência obstinada do adversario, superior em numero.

As perdas augmentavam, a escassez de munição se fazia sentir.

Os bravos se mantiveram ainda por muitas horas em sua lucta tenaz e violenta, mas a situação se fazia desesperadora.

Nesse momento — às 10 e 30 a. m. — o cabo Alkenings, do regimento de instrução de infantaria, se apresentava com sua patrulha de ciclistas ao general von Scheffer.

Fazia a surprehendente notícia de que Brzeziny tinha sido ocupada de noite pela 3.ª D. da Guarda.

«Veio como enviado do céo», disse mais tarde o general von Scheffer ao Comdt. da D., e o coronel von Posseck que, como chefe do E. M. do C. C. Richthofen, fôra testemunha do encontro, originou em seguida uma reacção nos animos com estas palavras: «Isso é a mudança do destino, e agora todas as duvidas desaparecem».

Alkenings havia levado a termo um verdadeiro milagre, desde que conseguiu chegar ao seu destino, depois de passar por entre os russos. O general Scheffer recompensou-o alli mesmo com a cruz de ferro, de 1.ª classe.

Como um rastilho de polvora, correu a grata notícia por entre as filas dos combatentes, reavivando seu valôr. Mas de certo os que mais se terão regosijado foram os milhares de feridos, que, no meio de um frio intensíssimo, esperavam seu destino incerto.

As bôas notícias raramente vêm sós.

Pouco depois da communicação da Divisão da Guarda, o general von Scheffer recebeu outra de sua valente 50.ª D. R. Esta havia conseguido envolver o adversario por leste e levar sua artilharia a uma posição da qual o tomava de flanco com um fogo eficassíssimo.

Ante os olhos do general commandante do corpo, que se tinha transportado ao Q. G. da divisão, se desenvolveu então um drama impressionante. A ala esquerda russa foi obrigada a retirar-se, mas na 49.ª D. R. o combate ao longo da via-ferrea continuava indeciso ainda.

Sua capacidade combativa tinha soffrido muito. Foi então quando o major Diez lançou através da linha de atiradores seu grupo de obuses leves da Guarda, adeantando-se tão temerariamente que pôde dirigir um fogo de enfiada ao longo da via-ferrea, e quando o general da divisão von Thiesenhausen, que pela 2.ª vez em um periodo de 12 dias havia tomado o commando no lugar dos commandantes de divisão tombados, lançou sua ultima reserva — um batalhão — ao assalto.

Todos se empregaram neste ataque, que também foi brilhantemente apoiado pela artilharia da divisão de reserva.

A posição inimiga foi tomada e as baterias perdidas no dia 23 cahiram novamente em poder de seus legítimos donos.

Debaixo do destruidor fogo de perseguição da artilharia alemã, se retiraram os russos na direcção N. para Brzeziny.

Perseguidos pela infantaria alemã, haviam chegado mais ou menos á metade do caminho quando receberam fogo de schrapnell da direcção norte: as 4 peças da 3.ª D. da Guarda sobre a altura de Brzeziny tinham encontrado um alvo bem favorável.

A artilharia inimiga, que intentava retirar-se em direcção N. O., foi tomada em columna de marcha pelo fogo dos canhões de nossa ala direita. Outras baterias russas que se retiravam apressadamente em direcção de Brzeziny foram destruidas totalmente pelo fogo da infantaria e dos sapadores e tornadas prisioneiras.

Apoderou-se de nós uma alegria infinita: depois do desespero e do perigo, conquistavamo uma esplendida victoria.

O Comdt. da divisão cravou pessoalmente a bandeirola negra, branca e roxa do comando da divisão, que n'outros casos se mantinha sempre cuidadosamente oculta, no ponto mais alto da elevação e na propria linha de fogo:

«Os russos não de saber quem tem na retaguarda».

Os fusileiros da Guarda o ovacionaram. O cansaço, a fome e o frio, tudo se havia esquecido.

Um delles exclamou: «Olhem, os russos fogem como lebres».

E assim era. Em completa desordem — e muitos já com as mãos levantadas — cruzaram a toda pressa em um planalto descoberto para desaparecerem logo em uma quebrada em nossa frente.

Em quanto se suppunha que alli se achavam uns 200 russos, se adeantou um sub-official com uns 20 homens prisioneiros.

Agora aparecia também á nossa vista a 1.ª linha do vitorioso XXV C. R. A' infantaria e artilharia seguiam as bagagens e columnas, os feridos e prisioneiros.

Com o C. R. vinha o conde Schweinitz com sua brava artilharia e a infantaria de Roosen.

O C. E. Richthofen protegia as retaguardas contra a cavallaria russa, numericamente muito superior.

A ruptura do destacamento de exercito se tinha realizado.

Às 5 da tarde, entrava o general von Scheffer em Brzeziny.

Saudou o commandante da 3.ª D. da Guarda com estas palavras: «Felicito-vos pela vossa victoria de lontem, que tornou possível a salvaguarda e o exito do meu Corpo. Por isso vos agradeço».

Era um bonito reconhecimento.

Entretanto, o Comdt. da D. sabia que, depois de Deus, devia seu exito á incomparável abnegação e bravura de suas tropas.

O destacamento de Scheffer permaneceu à noite de 24-25 de Novembro em Brzeziny. Pelo estado de exgotamento dos homens e cavallos se devia marcar também para 25 o envio á retaguarda de suas bagagens e trens.

Ambas as divisões de reserva puderam na tarde desse mesmo dia continuar sua marcha na direcção norte. A 3.ª D. da Guarda cobria o movimento contra fortes tropas russas que vinham de S. O., o que uma vez mais deu lugar a sangrentos combates.

No dia 25 se estabeleceu, na direcção L., uma frente de exercito continua; tinha-se tomado o contacto com o XX Corpo.

Nesta posição e em meio de combates se esperou a chegada de reforços da frente occidental.

Produziu-se então uma mudança favorável na situação; o inimigo deu a partida por perdida e se retirou. Estava ganha a batalha de Lodz.

A ruptura de Brzeziny tinha salvo da destruição o destacamento de exercito. O grande que Nicolão Nicolajewitsch não havia duvidado de uma victoria completa e tinha preparado trens

para o transporte para o interior das tropas do general Scheffer. A imprensa da Entente se tinha apressado a celebrar o triumpho de seus aliados. Mas os vencedores não foram os russos, mas os alemães, que conseguiram romper o cerco russo. Não tínhamos perdido um só canhão e nossos feridos puderam ser conduzidos quasi todos. Em compensação, levamos 16.000 prisioneiros e 64 canhões russos conquistados.

Brzeziny nos ensina que a superioridade em forças moraes pôde transformar ainda uma situação desesperada em um triumpho.

Na ruptura pouco influiu a habilidade operativa do commando: A superioridade numerica estava da parte dos russos, sendo muito consideravel. Tinham abundancia de munições e víveres, ao passo que nós soffriamos de escassez disso desde 22 de Novembro.

A situação tactica era para nós demasiado grave, ao passo que era favorável para o adversario.

Teríamos succumbido se nos tivessem desorganizado nossas forças moraes: o ardente amôr geral da patria e o elevado sentimento pela honra alemã, a heroica disposição para o sacrificio, o mais leal companheirismo e, sobretudo, a tenaz e imperturbavel vontade de *triumphar*.

Estas eram as forças que então animavam a cada um, desde o general até o ultimo granadeiro e fusileiro, artilheiro e sapador; ellas crearam esse espirito heroico da tropa, que, mesmo nas circumstancias mais diffíceis, faz com que a victoria se ponha de seu lado.

Mas, aquelle regulamento não cogitava de uma instrucção mais accurada que habilitasse os candidatos, dentro dos escassos periodos de instrucção da tropa, a enfrentar as commissões examinadoras na época regulamentar.

No ambito da bateria (e supponos que o mesmo se dá nas outras armas) não é possivel ministrar aos recrutas que revelam aptidão para graduados os conhecimentos praticos indispensaveis de topografia etc., nem mesmo aperfeiçoal-os nas diferentes partes da instrucção, com aquelle objectivo.

O R. I. Q. T. veiu sanar esse mal, com a criação dos pelotões de candidatos a cabos e sargentos. Desde o inicio do anno de instrucção, cuida-se da preparação dos futuros monitores.

O citado regulamento creou:

«1.º — Pelotão de candidatos a cabos, na razão de um por batalhão de infantaria, regimento de cavallaria, esquadrão de trem, grupo de artilharia ou batalhão de engenharia. Estes pelotões iniciam seus trabalhos, o mais tardar, no começo do segundo mez de incorporação do segundo contingente, e compõem-se da totalidade dos candidatos fornecidos pelos dois contingentes.

A instrucção durará, em principio, tres meses.

Os candidatos a cabo são propostos pelos commandantes de companhia, esquadrão ou bateria e designados pelos commandantes de corpos. São escolhidos entre os soldados que revelam intelligencia, capacidade de trabalho, robustez, espirito de disciplina, e que parecem ter aptidão para o commando.

Fixa-se-lhes o numero de accordo com as necessidades de graduados que se podem prevêr, tanto para o Exercito activo como para a reserva, tendo em conta as diminuições inevitaveis.

Os candidatos a cabo conservam-se nas companhias, no tocante á vida quotidiana, e podem assistir a certos exercícios importantes ou revistas prescriptas pelos commandantes de corpos. São reunidos diariamente; ás mais das vezes de manhã e de tarde, para o adestramento especial do pelotão.

No fim do curso, todos os candidatos a cabo do regimento, reunidos, fazem exame.»

«2.º — Um pelotão de candidatos a sargento em cada regimento de infantaria,

## A instrucção dos candidatos a sargentos e graduados

A falta de sargentos e graduados de que se resentem, actualmente, os corpos de tropa é devida, a nosso vêr, ao descuido com que o R. I. S. G. tratava do recrutamento daquelles indispensaveis auxiliares da instrucção da tropa.

A promoção a terceiro sargento, segundo aquelle regulamento, era feita mediante concursos que se realizavam na primeira quinzena após os exames do primeiro e segundo periodos de instrucção, entre os cabos que tivessem bom comportamento, seis mezes dê praça, no minimo, aptidão para o serviço militar e, naturalmente, que o desejasse.

Por um processo analogo era dado o accesso á graduação de cabo aos anseçadas e soldados.

Os concursos comprehendiam uma prova pratica das matérias que constituiam o terceiro grão das escolas regimentaes, para os candidatos a sargento, e das que eram ensinadas no segundo grão dessas escolas, para os candidatos a cabo.

cavallaria, esquadrão de trem, artilharia ou batalhão de engenharia.

Comprehende os candidatos ao posto de sargento, da activa ou da reserva, isto é, cabos e, eventualmente, soldados que, tendo o curso de candidatos ao de cabo, com boa classificação, não puderam ser promovidos por falta de vaga.

Este pelotão funciona durante dois a tres mezes e começa, no minimo, um mez depois de terminado o curso do pelotão de candidatos a cabo.

Os candidatos a sargento que participam do respectivo pelotão, conservam-se nas companhias, desempenhando as funções de commandantes de esquadra, e vão ao exercicio principal diario. A instrucção especial do pelotão comprehende unicamente sessões especiaes e cursos de aperfeiçoamento.» (N. 9 do R.I.Q.T.).

A criação de taes pelotões resolveu satisfactoriamente o problema da preparação dos candidatos a sargentos e graduados, mas, sómente quanto á parte prática do programma que se lhes impõe.

A parte theorica indispensavel, os imprescindiveis conhecimentos de mathematica, portuguez, geographia e historia patria continuam despresados e são, por isso mesmo, motivo de sobresalto áquelles candidatos, ás vezes, aproveitaveis, mas que, por falta de orientação, deixam-se vencer pelo desanimo.

Ora, o R.I.Q.T. conservou a escola regimental, instituição archaica, dotada de um regulamento inexequivel, que comporta um programma de tres annos, quando o serviço militar é de um anno.

São matriculadas na escola regimental todas as praças que não são analphabetas, candidatos ou não a graduados.

Aliás, pelo que temos observado nos corpos, a escola regimental é antes urna instituição de combate ao analphabetismo que de preparação de futuros sargentos, apezar do R.I.S.G. attribuir ás baterias, companhias e esquadrões o ensino dos analphabetos (art. 78). Dahi uma colossal frequencia á escola regimental, com prejuizo do ensino que se poderia ministrar aos mais intelligentes, no sentido de preparal-os para os concursos para a promoção a cabos e sargentos.

A escola regimental é, como dissemos, uma instituição archaica, que está entra-

vando a instrucção da tropa e que precisa acompanhar a evolução do Exército.

Suppomos que todos os inconvenientes a que vimos de nos referir cessariam se a escola regimental fosse substituida por um *curso de candidatos a sargentos e graduados*.

Nesse curso seriam matriculados sómente as praças que fizessem parte dos pelotões de candidatos a cabo e a sargento. Ahi, essas praças receberiam um ensino esmerado das materias que devem constituir o cabedal theorico dos cabos e sargentos, e o concurso de que cogita o R.I.S.G. seria substituido pelo exame final do curso.

O curso de candidatos a sargentos e graduados, que viria facilitar sobremodo a missão dos instructores de pelotões de candidatos a cabo e a sargento, ficaria a cargo de um official, que teria tantos sargentos auxiliares quantos fossem necessarios.

Para que não pareça que pregamos a extincção do ensino dos analphabetos nos quarteis, grandiosa campanha de que somos, ao contrario, adeptos fervorosos e obscuros obreiros, propomos que, com a extincção da escola regimental sejam ampliadas as escolas de analphabetos das baterias, companhias e esquadrões, com a inclusão de todas as praças que não forem do curso de candidatos a sargentos e graduados. Ahi, mais em liberdade, por isso que estariam em sua bateria (companhia ou esquadrão), em menor numero, portanto, sem os apertos da escola regimental que, em regra, devido ao grande numero de alumnos como está, actualmente, constituido (uma em cada regimento) se resente de falta de espaço, sob as vistas directas do seu capitão, lucrariam muito mais.

As escolas de analphabetos seriam dirigidas por sargentos, sob as vistas do capitão que, em virtude do R.I.S.G. (art. 83), já é responsável por esse ensino.

Não se poderia allegar falta de recurso por parte das baterias (companhias e esquadrões) por isso que, para o funcionamento de um curso tão rudimentar, bastaria o proprio alojamento das praças, onde, aliás, já funcionam as actuaes escolas de analphabetos. O material de ensino continuaria a ser dado pelo conselho administrativo, como tem sido até hoje.

O curso das escolas de analphabetos compreenderia dois gráos: o primeiro, de analphabetos propriamente ditos; e o segundo, abrangendo os que, não sendo analphabetos, não têm, entretanto, conhecimentos para candidatos a graduados.

O combate ao analphabetismo seria mais cerrado, porque seria possivel um ensino individual; os analphabetos seriam assistidos mais de perto por seus camaradas mais adiantados (cada soldado adiantado ensinaria dois ou tres analphabetos) e só assim seria possivel, no curto espaço de tempo que corresponde ao primeiro periodo de instrucção, ensinar a lêr a todos.

Certamente, o problema da instrucção theorica dos candidatos a sargentos e graduados comportaria soluções mais intelligentes. Temos, pois, conseguido nosso intento se com estas linhas lograrmos despertar ideias esclarecidas. Affirmamos, todavia, que a solução que ora apresentamos foi-nos suggerida pela experienca de quem luta na caserna e observa muito de perto a instrucção da tropa.

1.º Tte. Frederico A. Rondon  
Do 1.º Reg. de Art. Montada.

tar um factor militar de valor e, como tal, propôr, em substituição, uma outra organisação, que formè, como elles pretendem formar, fóra do Exercito, a nossa reserva.

E' isso que fazemos aqui.

As actuaes Linhas de Tiro, e todas as outras organisações assemelhadas, seriam dissolvidas. Em substituição, organizar-se-iam «Companhias de Instrucção», submettidas directamente ás Regiões, organisações sómente nas cidades capazes de prove-las do efectivo completo (2), — tendo quartel do Estado, quadro efectivo de officiaes, e soldados submettidos a um unico tempo de instrucção (pela manhã ou pela noite) e pagos, apenas, de fardamento e equipamento.

O actual Atirador seria transformado; assim, num soldado, em tudo igual ao de tropa de Exercito, mas sem obrigações de serviço, sem alimentação, sem alojamento e sem vencimentos.

O preenchimento dos efectivos far-se-ia, em primeiro logar, pelo voluntariado. Bastava para isso isentar do Sorteio aquelles que se inclussem nessas Companhias até um mez antes de se proceder-l-o, obrigando-se, assim, o individuo a procural-as pelo simples medo de ser sorteado.

Os mesmos factores determinantes das Linhas de Tiro: a commodidade de ser soldado sem grandes obrigações e a facilidade de prestar o serviço militar sem interromper a vida civil, — ali mantidos, assegurariam a procura a elles. Uma vez não preenchidos os seus efectivos totaes, pelo voluntariado, augmentar-se-ia o efectivo a incorporar para a Região, do numero de claros existentes nas Companhias, facultando-se, porém, ao sorteado, por ordem de apresentação e mediante uma indemnisação, a opção por uma delas (3).

A inclusão voluntaria seria feita mediante uma indemnisação menor que a da inclusão por sorteio, ficando, porém, o incluido considerado, desde ahí, para to-

Os numeros oficialmente conhecidos a respeito do rendimento da instrucção ministrada nas Sociedades de Tiro, durante o anno de 1920, — ultimo que se conhece, exprime flagrantemente o estado de descredito a que elles chegaram. Para um total de 418 Sociedades (não incluindo as da 1.ª e 2.ª Regiões Militares) foram aprovados, apenas, 1946 reservistas, isto é, a media de 4,6 reservista por Sociedade (1). O ridiculo desse numero assegura-nos a liberdade de descrever que possam elles, nos moldes actuaes, represen-

(1) O Relatorio Ministerial de 1921, de onde extrahimos esses dados, informa (pag. 100) ser de 31.630 o numero total dos reservistas aprovados, não informando, porém, qual o numero das Sociedades existentes na 1.ª e 2.ª Região. No annexo D, se verifica que o numero das Sociedades confederadas é de 659, embora nesse numero se incluam aquellas que foram desincorporadas ou suspensas. Fica-se, assim, sem saber si os 3163 reservistas foram aprovados antes das desincorporações citadas, ou depois delas.

(2) Sob o ponto de vista disciplinar, não é aconselhavel que a autoridade se exerça sem controle directo, o que fatalmente succederia na criação de unidades menores que uma Companhia, instruidas e commandadas por um unico oficial.

(3) Essa medida era necessaria. Só o individuo sabe como prover o seu proprio sustento.

dos os effeitos disciplinaires, praça de pret (4).

De tal organisação resultaria, immediatamente, uma instrucção melhor cuidada que a actual, uma situação menos injusta para aquelles que prestam serviço na tropa, maior numero annual de reservistas, e sobretudo a possibilidade de se poder mobilisar essas forças, quer para exercícios quer para a guerra, como tropa de 1.ª linha.

O estabelecimento para essas Companhias de uma vida disciplinar analogá á do Exercito, obrigaria a criação, para elles, como atraç ficou dito, de um quadro effectivo de officiaes. Ainda aqui, parece-nos possivel dar solução á formação, em maior escala, da reserva de officiaes, estabelecendo esse quadro, limitado até ao posto de Capitão (5) como fonte futura (6) dos officiaes de 2.ª classe da reserva de 1.ª linha, constituindo-o com os sargentos com o curso da Escola de Sargentos (ampliada naquelle que constitue exigencia á função do officialato).

Isso traria, além das vantagens de se ter uma reserva de officiaes, afeitos, até ao posto de Capitão (7), ás exigencias diárias da disciplina, ao convívio da tropa e á pratica das qualidades necessarias ao commando, aquellas que resultariam de se poder, dando ao sargento estimulo maior á sua vida militar, estabelecer bases mais rigorosas na formação delles.

Não ficam ahi, porém, as vantagens que nos parecem reaes nessa organisação. O mesmo alistamento encontraria nessas Companhias, transformadas, nos Districtos de suas Sédes, em Juntas de

(4) Como o soldado dessas Companhias seria um Externo, estabelecer-se-ia que todo aquelle que faltasse á instrucção ou ao expediente, sem motivo justificado, seria transferido para um dos corpos do Exercito.

(5) Os officiaes dessas Companhias teriam uma vida militar activa, limitada a uma certa idade (40 annos, por exemplo), independente do posto, afim de que fosse possivel, sem romper os estimulos necessarios, augmentar annualmente o contingente da reserva.

(6) Na formação das primeiras Companhias seriam aproveitados os actuaes officiaes da reserva de 1.ª linha cuja idade não excedesse ao limite fixado (nota 5).

(7) Uma vez alcançada a idade limite, o official passava para a reserva, sem vantagens pecuniarias. Nessa situação poderia ser aproveitado em qualquer função publica.

Alistamento, um elemento moralisador por excellencia.

O tempo que sobrasse aos officiaes delas, diariamente, poderia ser aproveitado, normalmente, nos trabalhos de recenseamento militar, e, então, teríamos eliminado, em grande numero de logares, os inconvenientes que a presença dos elementos estranhos ao Exercito têm causado.

A criação de um novo quadro de officiaes, a construção dos quarteis (quarteis, dispondo apenas de uma reserva para fardamento e administração, um pateo para exercícios e uma linha de tiro) e outras despezas necessarias seriam, quando completadas, compensadas por aquellas que hoje se fazem com as diárias dos officiaes durante os exames de reservistas, com os instructores (8), com a Directoria do Tiro de Guerra e com a manutenção do numero de Juntas de Alistamento que as Companhias substituiriam.

Considere-se, tambem, a possibilidade de se estabelecer, como atraç dissemos, uma indemnisação para pertencer a uma dessas Companhias e teríamos assim uma verba (9) de receita bastante volumosa.

Ficam aqui as idéas que nos inclinamos a crer possiveis de realização. Haverá outras menos defeituosas, tendendo todas, por certo, ao mesmo fim da que expomos, que é emprestar ás organizações militares, fóra do Exercito, um carácter de efficiencia real.

*Ignacio José Verissimo*  
1.º Tenente de Artilharia.

(8) Os instructores nomeados em 1920 para os Tiros e Collegios foram em numero de 347.

(9) As actuaes Sociedades de Tiro têm um total approximado de 20 mil socios. Supondo, apenas, possivel a criação de 100 Companhias, com um effectivo medio de 100 homens, teríamos, a 50\$ de indemnisação por cabeça, reis 500:000\$ de receita.

Aos nossos camaradas que tenham duvidas sobre a interpretação de quaisquer pontos dos novos regulamentos táticos e queiram comunicá-las á «A Defeza Nacional», em carta reservada ou não, participamos que sob a forma de commentarios aos textos regulamentares, divulgaremos os esclarecimentos prestados pelos Mestres.

# Reorganização da Escola de Saint-Cyr

«A grande guerra mais uma vez deu claramente demonstrado que, á medida que se desenvolvem os meios materiaes e o caracter industrial e científico, mais consideraveis devem ser os conhecimentos a exigir dos que aspiram ser officiaes. Tambem ficou provado que não se pôde tomar como axioma que é na guerra que se aprende a fazer a guerra. Se isso fosse axiomático, sómente os officiaes que tivessem feito a guerra estariam habilitados para exercerem o comando em uma nova guerra. Pois bem: tal não acontece.

Na ultima guerra vimos que os homens tendo preparado o seu espirito com estudos profundos, já cursando a Escola de Guerra, já exercendo o professorado por largos annos, tanto nessa como em outras escolas, foram os que revelaram grandes aptidões para o commando.

Assim o demonstraram Foch e Petain, professores de tactica geral na Escola de Guerra; Fayolle, professor de tactica de artilharia da mesma escola; Maud'huy, professor de tactica de infantaria; Langle de Cary, tambem professor da Escola de Guerra; Debeney, professor e actualmente director da mesma; Larenzac, antigo professor de Saint-Cyr; Ruffey e Buat, ambos professores de tactica de artilharia da Escola de Guerra; e tantos outros que deixamos de citar. A tal ponto reconheceram isso os franceses que, ao terminar a guerra, voltaram para concluir os estudos nas respectivas escolas os officiaes que o não haviam feito, alguns delles já capitães e ostentando varias condecorações obtidas nos campos de batalha, fazendo valorosamente a guerra.

Agora pensam em reorganisar a Escola de Saint-Cyr, destinada a formar officiaes para as armas de infantaria e cavalaria, augmentando o seu plano de estudos, assim como os conhecimentos exigidos para a matricula. E' precisamente por existir grande inferioridade no plano de estudos de Saint-Cyr, comparado com o da Escola Polytechnica, que a affluencia de candidatos á matricula é maior nessa ultima que naquella. A' primeira vista parece isso um contrasenso, e o seria com effeito nos paizes em que se procura obter um diploma com o menor esforço possivel.

Em França, porém, os homens são mais praticos; procuram preparar-se para a luta pela vida, adquirindo os conhecimentos e aptidões que lhes permittam seguir qualquer carreira lucrativa no caso de se verem obrigados a abandonar a vida militar, o que acontece com muitos, provenientes da Escola Polytechnica (artilharia e engenharia).

Assim, portanto, não ser augmentados em Saint-Cyr os programmas de matematica, sciencias physicas e chimicas. Alguns preconisam até uma reforma mais radical, como seria a criação de uma *Escola Geral Militar*, em que se ministrassem os conhecimentos geraes a todas as armas e da qual passassem os alumnos a cursar as *Escolas de Applicação* das diversas armas».

## EDUCAÇÃO PHYSICA

### Programmas de Instrucção

De um projecto de Regulamento Geral de Educação Physica — publicação do Ministerio de Guerra Françez.

(Continuação)

#### Licções para fracos

##### Segunda licção

**Marchar:** Marcha circular. Marcha alongada com grande balançamento dos braços.

**Bracos:** Elevação horizontal dos braços em diferentes planos e afastamento para traz.

**Flexionamentos** **Pernas:** Movimento giroscópico da perna, da frente para traz.

**Tronco:** Decubito dorsal — elevação dos joelhos e distensão das pernas.

**Sessão** **Flexionamentos combinados:** Abrir para a frente pernas distendidas com rotação do tronco e da cabeça para o lado da perna avançada e com elevação lateral dos braços.

ou

**Flexionamentos asymétricos:** Elevação vertical de um braço e elevação lateral do outro.

**Exercícios respiratórios:** Com elevação dos braços flexionados.

*Licção propriamente dita*

*Applicações.* — Marchar. — Marcha subindo, marcha descendo.

*Pequeno jogo.* — A roda do chicote.

*Exercícios educativos.* — Trepar. — Suspensão inclinada, elevação do joelho (perna flexionada), distensão da perna. Apoio sobre uma barra, flexão e distensão dos braços.

*Applicações.* — Saltar. — Salto em altura sem impulso para a frente.

*Exercícios educativos.* — Levantar, carregar. — Gesto de levantar a altura dos hombros e depois de pausa elevar bruscamente ao alto, braços distendidos (com uma ou duas mãos).

*Applicações.* — Correr. — Corrida de 150 m., rastejando.

*Applicações.* — Arremessar. — Arremessar e aparar, sucessivamente, uma e depois duas pedras.

*Pequeno jogo.* — Foge da bola (com a mão).

*Exercícios educativos.* — Ataque e defesa. Luta de repulsão dois a dois, de frente, mãos sobre os hombros do adversário.

*Volta à calma*

Marcha lenta com exercícios respiratórios (\*), marcha em passo cadenciado, marcha com canto.

(\*) Julgo de utilidade a seguinte indicação apresentada pelo Dr. Arnulphy, no seu livro «Cours complet de Gymnastique Respiratoire», para a execução destas marchas:

1.º *Tempo*: os homens marcham em passo ordinário, o ventre ligeiramente recolhido e os hombros recaudos;

2.º *Tempo*: fazem uma inspiração contando mentalmente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, um algarismo para cada passo;

3.º *Tempo*: retem a respiração contando 1, 2, 3, 4;

4.º *Tempo*: expiram, pelas narinas, contando 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8;

5.º *Tempo*: contam 1, 2, 3, 4 passos sem respirar.

Repetem este trabalho até os primeiros prenúncios de fadiga, praticando em seguida a respiração de repouso.

*Terceira licção*

*Marchar*: Marcha de gymnastas, marcha alongada com grande balançoamento dos braços. Marcha em distensão.

*Braços*: Marchando-elevação vertical dos braços em diferentes planos.

*Pernas*: elevação da perna distendida em diferentes planos.

*Tronco*: Movimento giratório do tronco.

*Flexionamentos combinados*: Movimento giratório da perna, da frente para traz com movimento giratório dos braços de frente para traz.

ou

*Flexionamentos asymétricos*: Elevação lateral de um braço e elevação para a frente do outro com elevação alternada da perna distendida.

*Exercícios respiratórios*: Com flexão e distensão do tronco.

*Licção propriamente dita*

*Exercícios educativos.* — Marchar. — Marcha para a frente, para traz, marcha lateral.

*Exercícios educativos.* — Trepar. — Suspensão inclinada, elevação da perna distendida com flexão dos braços.

*Pequeno jogo.* — Verso e reverso.

*Exercícios educativos.* — Saltar. — Salto em largura com impulso.

*Applicações.* — Levantar, carregar. — Levantar halters, de 20 kg., com as duas mãos á altura dos hombros e elevar depois ao alto, braços distendidos, sem fazer pausa.

*Applicações.* — Correr. — Corrida de velocidade, 50 m.

*Applicações.* — Arremessar. — Arremessar o corpo com flexão dos braços. Agarrar um peso de 5 kg. deante do corpo com flexão dos braços.

*Exercícios educativos.* — Ataque e defesa. — Luta de tracção, dois a dois pelos pulsos.

*Pequeno jogo.* — O Kangurú.

*Volta à calma*

*Marcha com canto*. — Marcha no passo cadenciado.

**Licções para médios****Segunda lição**

**Marchar.** — Marcha na ponta dos pés, marcha no passo de caçador.

**Flexionamentos**

<b>Braços:</b> Elevação vertical dos braços com flexão e distensão das mãos.	<b>Pernas:</b> Elevação da perna distendida (diferentes planos).
<b>Tronco:</b> Flexão e distensão do tronco.	

**Sessão preparatória**

**Flexionamentos combinados:** Movimento giratorio da perna, da frente para traz com movimento giratorio dos braços, de traz para a frente.

**Flexionamentos asymétricos:** Elevação lateral de um braço e elevação vertical do outro.

**Exercícios respiratórios:** Com elevação dos braços flexionados.

**Lição propriamente dita**

**Marchar.** — Marcha com flexão do tronco.

**Trepar.** — Suspensão alongada em duas barras, deslocamento para a frente sem balanceamento do corpo, braços distendidos.

**Saltar.** — Salto em profundidade, do alto de um muro em baixo.

**Pequeno jogo.** — Foge da bola (com a mão).

**Levantar, carregar.** — Transportar um homem nos braços (Hébert 531).

**Pequeno jogo.** — O gato e o rato.

**Correr.** — Corrida de rastos.

**Arremessar.** — Arremessar e aparar sucessivamente um peso (por 2 homens).

**Ataque e defesa.** — Luta de repulsa, dois a dois, de pé com um bastão.

**Volta á calma**

Marcha lenta com exercício respiratório, marcha com assovio, marcha no passo cadenciado.

**Terceira lição**

**Marchar.** — Marcha alongada com balanceamento dos braços.

**Braços:** Elevação horizontal dos braços (diferentes planos) e afastamento para traz.

**Flexionamentos**

<b>Pernas:</b> Movimento giratorio de perna, da frente para traz.	<b>Tronco:</b> Quadris firmes, movimento giratorio do tronco.
---	---

**Sessão preparatória**

**Flexionamentos combinados:** Abrir para a frente, pernas distendidas com rotação do tronco e da cabeça para o lado da perna avançada e com elevação lateral dos braços.

**Flexionamentos asymétricos:** Elevação vertical de um braço e elevação lateral do outro com perda de um tempo.

**Exercícios respiratórios:** Com movimento giratorio dos braços.

**Lição propriamente dita**

**Marchar.** — Marcha de quatro pés.

**Trepar.** — Suspensão alongada, deslocamento para a frente, braços flexionados.

**Saltar.** — Salto lateral com apoio de uma das mãos.

**Pequeno jogo.** — O caçador e o corredor.

**Levantar, carregar.** — Transportar um homem montado nas costas (Hébert 532).

**Correr.** — Corrida de 60 m. por lances de 10 m.

**Arremessar.** — Arremessar e aparar um peso diante do corpo.

**Ataque e defesa.** — Sóco de combate: directo á esquerda, directo á direita; «crochets» (L'Infanterie en un Volume, pgs. 85, 86, 87).

**Volta á calma**

Marcha lenta, marcha com exercício respiratório, marcha com canto, marcha no passo cadenciado.

**Licções para fortes****Segunda licção**

**Marchar.** — Marcha alongada com grande balançoamento dos braços.

**Braços.** — Elevação horizontal dos braços (diferentes planos) e afastamento para traz.

**Flexionamentos**

**Pernas.** — Elevação sobre a ponta dos pés. Flexão e distensão das pernas, joelhos afastados.

**Tronco.** — Flexão e distensão do tronco.

**Flexionamentos asymétricos.** — Passagem do abrir para a frente, perna da frente flexionada, ao abrir para traz, perna de traz flexionada, com elevação vertical do braço oposto à perna flexionada e elevação para traz, do outro.

**Exercícios respiratórios.** — Com elevação dos braços flexionados.

**Licção propriamente dita**

**Marchar.** — Marcha de quatro pés: para a frente, para traz, para os lados.

**Trepar.** — Trepar em uma corda sem auxílio dos pés.

**Arremessar.** — Arremessar granadas, deitado, tendo em vista: precisão e velocidade.

**Correr.** — Corrida de 100 m.

**Levantar.** — Levantar halters de 30 e 40 kg. à altura dos ombros e depois ao alto sem fazer pausa.

**Correr e saltar.** — Salto em largura com impulso.

**Ataque e defesa.** — Luta: «bras roulé» e parada (Hébert 629, 630), Jiu-Jitsu: prisão da mão; golpe de garganta; prisão da garganta (Vid. «Jiu-Jitsu» de Irving Hancock, pag. 105).

**Jogo.** — Foge da bolha (com os pés, depois com as mãos).

**Volta à calma**

Marcha lenta, marcha com assovio, marcha no passo cadenciado.

**Terceira licção**

**Marchar.** — Marcha para a frente, para traz; marcha lateral, marcha obliqua.

**Braços.** — Elevação lateral dos braços e flexão dos ante-braços no plano horizontal.

**Flexionamentos**

**Sessão preparatória.**

**Pernas.** — Movimento giratório da perna, da frente para traz.

**Tronco.** — Decubito dorsal — elevação das pernas distendidas, movimento giratório das pernas separadas.

**Flexionamentos combinados.** — Flexão de uma perna com elevação lateral da outra, elevação horizontal dos braços seguida de flexão e distensão dos antebraços.

**Exercícios respiratórios.** — Com movimento giratório dos braços.

**Licção propriamente dita**

**Marchar.** — Marcha com flexão do tronco.

**Trepar.** — Passagens sucessivas da suspensão alongada ao apoio na barra.

**Saltar.** — Salto de cima para baixo, estando em suspensão em um muro.

**Correr.** — Corrida de 400 m.

**Arremessar.** — Arremessar o peso de 7kg,257 com alça.

**Levantar, carregar.** — Transportar um homem montado nas costas, marchando e correndo (40 m.).

**Ataque e defesa.** — Luta de repulsão, á vara, por turmas.

**Volta à calma**

Marcha lenta, marcha com canto, marcha no passo cadenciado.

de MORAES  
1.º Ten.

(Continua)

Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

# Instrucção da tropa (Cavallaria)

Os frequentes ataques que tem suportado a gloriosa arma de cavallaria, a despeito de seus serviços inestimáveis em todas as guerras antigas ou modernas, têm conseguido, até certo ponto, criar um entrave ao seu desenvolvimento, como se acaso fosse possível prescindir do seu concurso nas guerras futuras, mesmo que elas se travassem em torno de milhares de armas de fogo poderosas.

Nestas condições, confortam as palavras abaixo, do coronel Detryat, do exercito francez, que, depois de precisar qual o papel da arma e como deverá ella desempenhal-o, estuda como será preciso preparar-se a cavallaria para a sua missão.

Diz elle: «Sem tirarmos dos ensinamentos da ultima guerra conclusões demasiado rigorosas, como, por exemplo, chegar a triumphar pelo facto de, dos dois grupos em presença, ter vencido aquelle que conservou sua cavallaria até o fim, devemos confessar que o exercito allemano teria transformado em successos decisivos suas offensivas felizes de Abril, Maio e Junho de 1918, se, de um lado, elle tivesse tido á sua disposição uma cavallaria de exploração poderosa e manobreira, e se, de outro lado, elle não houvesse encontrado deante delle, nas brechas abertas em nossa frente, uma cavallaria ardente e resoluta.

Isto quanto ao passado.

Que nos reservará o futuro? A missão de propheta é sempre ingrata, e hoje mais do que nunca. Seria temerario determinar desde já a fórmula que tomarão as guerras futuras, pois que a proxima guerra será provavelmente tão diferente da ultima como esta da penultima.

Póde-se prevêr que o papel dos motores mechanicos não cessará de aumentar, mas não está provado que o desenvolvimento dos motores mechanicos tenha por consequencia fatal a suppressão da cavallaria.

Por emquanto, é ao Conselho Superior de Guerra que compete decidir sobre a questão. E, se de facto a cavallaria existe, será preciso admittir que ella tenha um papel a desempenhar.

Qual é esse papel?

Cada arma tem seus caracteristicos proprios, que determinam e condicionam seu emprego. Não se poderá imaginar dar á infantaria o papel da artilharia, nem á cavallaria o da infantaria.

Desde que a cavallaria não foi suprimida, ella deverá agir como cavallaria, isto é, de um lado desempenhar missões de reconhecimento e de cobertura, e de outro lado constituir uma reserva estratégica, capaz de intervir na batalha pela manobra e pelo combate e depois da batalha pela perseguição.

Essas missões, que exigem uma grande mobilidade, foram em todos os tempos missões da cavallaria.

Ellas não são confiadas á cavallaria senão em razão de sua mobilidade.

Portanto, continuarão a pertencer-lhe enquanto ella conservar sua mobilidade.

Que a mobilidade não seja mais oapanhio exclusivo da cavallaria, que, entre as missões de que ella teve o monopolio até agora, algumas podem ser desempenhadas pela aviação, pela infantaria em caminhões ou mesmo pelos carros de assalto, ninguem contesta. Mas, a maior parte dessas missões exige uma mobilidade particular, resultante não sómente de rapidez, mas também de fluidez, de volatilidade, e, quando preciso, de adhesão, o que só a cavallaria possue e que possue a todo tempo, seja qual for a estação, a hora, a visibilidade e o terreno.

Em uma palavra — a cavallaria é uma arma especial, correspondendo a necessidades particulares sempre actuaes. Por suas propriedades distintas, ella é essencialmente a arma da «procura do contacto», a arma da «manobra», a arma do aproveitamento.»

Entretanto, accrescenta elle, se é certo que as missões a desempenhar pela cavallaria são e serão sempre sensivelmente as mesmas, o modo de comportar-se a arma já não poderá ser hoje o que foi hontem, pois que no proprio decorrer da campanha todas as armas evoluíram e não poderia a cavallaria ser a unica a conservar-se estacionaria.

Comprehendendo isso, ella soube adaptar-se ás condições do meio, adoptando resolutamente uma nova orientação e graças á qual continuou a ter um lugar de destaque em todas as operações.

Aliás, essa necessidade já tinha sido prevista, pois que o Regulamento de manobras francesas de 1912 dizia: «Sem nada relegar de suas tradições de glória passadas, a cavalaria deve *viver com seu tempo* e harmonizar seus progressos com os das outras armas».

O progresso excepcional das armas modernas tornou impossível a acção da cavalaria pelos processos antigos em muitos casos, as acções pelo choque passando a ser possíveis apenas em casos especiais, mas esse progresso do armamento, longe de restringir o campo de acção da cavalaria, veio ampliá-lo, pois que ella foi também dotada do armamento necessário para o combate a pé pelo fogo.

Apeando, a cavalaria aumenta seu poder de destruição, diminui sua vulnerabilidade e adquire capacidade de resistência.

Antes da guerra europeia, se bem que appreendendo as necessidades futuras, havia uma certa reacção dos cavallerianos contra as acções a pé, na esperança de que a bravura e o arrojo fossem bastantes para proporcionarem o successo.

Mas os factos demonstraram que, se bem que as forças moraes sejam cada vez mais importantes na guerra, nem por isso elles poderão por si sós compensar sempre a inferioridade do armamento nem a insuficiencia de instrucção técnica, pois que a guerra moderna exige o conhecimento e o emprego dos processos reconhecidos «como os melhores».

Nessas condições, será preciso que a cavalaria se conforme com a evolução dos processos de combate das outras armas e os siga passo a passo, com o que nada sofrerá o prestígio do cavalleriano, pois que, apeando para combater, elle apenas ampliará o seu campo de acção e demonstrará que não se detém deante de contingencias.

Comtudo, diz o coronel Detroyat, nunca será de mais repetir que a razão de ser da cavalaria, sua qualidade essencial e distintiva, é a *aptidão para o movimento*, qualidade que só uma equitação sportiva e ousada poderá proporcionar e manter, desde que se considere como «equitação sportiva» não sómente os percursos em andaduras vivas através de todos os terrenos, mas também toda equitação ao ar livre e em particular «o serviço em campanha».

O papel da cavalaria não começa com o *contacto*, não bastando também que suas unidades possam «deslocar-se a cavalo» e saibam «bater-se a pé».

Os reconhecimentos e a cobertura, que lhe pertencem, exigem certas qualidades e, portanto, uma instrucção particular. A capacidade manobreira das unidades, a agudeza de espirito dos graduados e a iniciativa dos combatentes em geral, só nos exercícios do «serviço em campanha» é que se desenvolvem, taes exercícios devendo ser feitos *a cavalo*, em terreno variado, unico meio de aumentar-se a oussadia, o gosto ao riso do corpo a corpo, a decisão firme, qualidades tradicionaes da arma e sem as quais ella perderia o brilho que sempre manteve nas operações militares.

Consideral-a, porém, como «uma arma susceptivel de transportar rapidamente meios de fogo poderosos», como se tem feito ultimamente, é que é uma affronta á dignidade da heroica arma, que, nesse caso, nada mais seria do que uma simples infantaria montada.

Melhor seria, então, suprimil-a de uma vez; pois que, para conserval-a como cavalaria, será preciso que sua instrucção tenha por bases a equitação e o serviço em campanha.

Até o *contacto* com o inimigo, a cavalaria tem de conservar-se a cavalo, precisando, portanto, dos seus atributos especiaes.

Estabelecido o *contacto*, ella terá de agir normalmente pela *manobra* e pelo *fogo*, precisando nesta parte empregar os processos da infantaria.

Sendo assim, será preciso que a cavalaria receba uma instrucção adequada ás suas necessidades.

O coronel Detroyat entende que se deve conceber a instrucção sob a forma seguinte: — instrucção individual — instrucção do grupo — instrucção do pelotão, do esquadrão e do regimento.

1.ª parte — *Instrucção individual*

a) *A cavalo*, em vista do emprego do homem na *patrulha*;

b) *A pé*, em vista do emprego do homem no *grupo de combate*.

a) Como o grupo de combate nas tropas a pé, a patrulha é, na cavalaria, a unidade elementar de instrucção e de combate.

Desde as primeiras sessões, o instructor deverá fixar-se em dar ao joven caval-

leiro o gosto e o sentimento do cavalo. Para conseguir esse resultado, ir ao picadeiro o menos que fôr possivel e durante o menor tempo tambem. Não abusar igualmente do terreno de manobra. No picadeiro e no terreno, praticar comumente o «trabalho á vontade», que, pondo o cavalleiro em presença de problemas sempre renovados, desperta e exige sua iniciativa.

Fazer applicação o mais cêdo possivel.

Como exercicio preparatorio do serviço em campanha, ensinar o homem a regular suas andaduras, a orientar-se, a escolher um ponto de observação, etc.

b) Dar ao trabalho preparatorio a pé a forma sportiva dos exercicios de Joinville.

Preocupar-se em dar ao cavalleiro o gosto pelo tiro.

Ensinar-lhe a utilizar o terreno, para progredir, parar, observar, atirar, etc.

Inspirar-se no regulamento da infantaria.

2.ª parte — Instrucção do grupo

a) A cavalo: Flexionamento da patrulha. Serviço em campanha.

Exercicios em ordem unida.

b) A pé: Flexionamento do grupo de combate.

Exercicios de combate.

Exercicios em ordem unida.

c) Transformação rapida da patrulha em grupo de combate e vice-versa:

Flexionamento.

Exercicios de combate.

1.º Os flexionamentos têm por fim ensinar aos cavalleiros o mecanismo dos movimentos que elles têm de empregar na manobra e no combate. Devem ter como resultado dar á patrulha e ao grupo de combate a mobilidade, a elasticidade e a fluidez que lhe são necessarias.

Serão realizados sem idéa tactica, seja no terreno de manobra, seja em terreno variado.

2.º O serviço em campanha e os exercicios de combate serão applicações tacticas dos conhecimentos já adquiridos.

Deverão realizar-se em terreno variado e sobre uma hypothese de guerra.

Deverão ter como resultado — desenvolver concurrentemente a iniciativa do combatente e seu espirito de solidariedade.

Quer o cavalleiro esteja a pé ou a cavalo, quer isolado ou na tropa, a maioria dos problemas que se lhe apresentarem de-

verá ser de problemas de *utilização do terreno*.

Os principios tacticos serão simples e sempre os mesmos, a situação e a missão não mudando; o terreno, entretanto, mudando a cada passo: ensinar a conhecê-lo e utilisal-o, é uma das partes mais importantes da instrucção.

O «serviço em campanha» é o exercicio mais completo e mais fecundo. Elle prepara os graduados e os cavalleiros para a execução das missões que elles terão de cumprir; entretem e aperfeiçoa sua instrucção equestre em um sentido pratico e sportivo; habitua-os a estudarem o terreno e delle tirarem partido; dá-lhes numerosas occasões de engajar o combate; desenvolve seu espirito, anima-os e acciona-os; desenvolve seu golpe de vista, seu tino de orientação e seu julgamento.

3.º Os exercicios de ordem unida terão por fim despertar e entreter o sentimento de ordem, de disciplina e de cohesão.

4.º A transformação rapida da patrulha em grupo de combate e vice-versa é uma operação assás delicada, que exige muita flexibilidade e actividade. Será tornada mais facil no futuro pela organisação das unidades com um typo mais moderno.

3.ª parte — Instrucção do pelotão, do esquadrão, do regimento

a) A cavalo: Flexionamento.

Serviço em campanha: *antes do contacto* (reconhecimento e cobertura).

Exercicios de ordem unida.

b) A pé: Flexionamento.

Exercicios de combate.

c) Serviço em campanha: *Estabelecimento do contacto seguido do engajamento*.

Em todo dispositivo aberto e escalonado, tal como esses que são impostos pela potencia do fogo, a cohesão das unidades e a coordenação dos esforços não serão obtidas senão por uma ligação estreita e constante.

a) A cavalo: Ligação entre as patrulhas no pelotão.

Ligação entre os pelotões no esquadrão.

Ligação entre os esquadrões no regimento.

b) A pé: Ligação entre os grupos de combate na secção.

Ligação entre as secções na companhia.

Ligação entre as companhias no batalhão.

A partir do pelotão e da secção, o serviço em campanha e os exercícios de combate serão principalmente exercícios de ligação».

Fundamentando suas idéas, diz o coronel Detryat que foram elas baseadas na preocupação de associar estreitamente a instrução a cavalo com a instrução a pé, tendo-lhe parecido que tal associação podia ser facilmente realizada, assimilando a patrulha ao grupo de combate e o «serviço em campanha» a cavalo aos exercícios de combate a pé.

Convém observar, diz elle ainda, que se, nas primeiras lições, o serviço em campanha e os exercícios de combate se podem conceber separadamente, elles devem ser combinados o mais cedo possível na mesma instrução. Para a cavalaria, o combate não é senão uma phase da ação, phase importante sem dúvida, phase capital, mas que é *intimamente ligada á manobra a cavalo* e que o instructor deve ter todo interesse em não isolar.

A escassez e a irregularidade dos efectivos tornam muito difícil a escola de esquadrão e mesmo a de pelotão, não permitindo senão a instrução *individual*, a do grupo e a dos quadros, mas exactamente essas três instruções são as mais importantes.

Desde que se obtenham cavaleiros de um valôr individual confirmado, sabendo conduzir-se bem no quadro da patrulha e no do grupo de combate, e além disso bem enquadrados, algumas sessões bastarão para formarem-se unidades flexíveis, solidas, activas, tão aptas para a manobra como para o combate.

Como complemento, será preciso o instructor banir de seu programma, sistematicamente, tudo quanto não tenda directamente para o objectivo visado, que deverá ser — «dar ao cavaleiro o gosto pelo cavalo e o gosto pelo tiro, o sentimento do terreno e o da ligação, e antes de tudo *uma alma de soldado*».

Cap. Nilo Val.

Aos nossos assignantes que se acham em atraso no pagamento das assignaturas pedimos venia para ponderar que a revista só poderá «viver» se lhe não faltar a «alimentação».

## O serviço militar e a organização das reservas

O problema do sorteio continua a não ter uma solução satisfatória, apesar do actual Regulamento do Serviço Militar ter sido confecionado com muito cuidado e nelle acharem-se concatenadas as boas idéas do actual gestor da pasta da guerra, o Exmo. Sr. Dr. Pandiá Calogeras.

Como o actual Regulamento, todos os demais que lhe antecederam não deram os resultados desejados, pelos vícios congenitos do alistamento militar, base unica para o sorteio.

Nos 1314 Municípios do Brasil, em que deveriam funcionar 1314 Juntas de alistamento militar, apenas funcionam dois terços, por deficiencia de officiaes para organização de todas elles, d'ahi o não fazer-se o sorteio em um terço dos Municípios do Brasil.

Nos dois terços em que funcionam juntas, o recensamento é feito por dous meios: listas enviadas ás repartições, fabricas, associações, etc., e pelo registro civil.

O primeiro não produz os resultados desejados, por intervirem a politicagem local, as informações propositadamente falsas e a recusa em fornecel-as; o segundo é absolutamente improductivo.

Feito o recensamento, pelos livros do Registro Civil, de todos os individuos nascidos em determinado anno, 45 % d'estes faleceram antes de atingirem os 21 annos, e nos 55 % restantes estão incluidos os inutilisados, os isentos e os sorteaveis, espalhados pelo Brasil inteiro, e até pelo estrangeiro.

Admittindo-se, por exemplo, que o individuo A, nascido n'esta Capital, na freguezia da Lagoa, em 1901, e que della não se tivesse afastado, para verificarmos se em 1921 elle ainda vive, necessário se torna compulsarmos 20 livros de Registro de óbitos.

A hypothese mais favorável é que A não fique morando na mesma freguezia; quantos livros necessitaremos compulsar para sabermos se A é vivo?

O grande numero de insubmissos é resultante do segundo meio empregado, donde concluir-se que a quasi totalidade dos insubmissos não existe!

Estudando, há muito tempo, um processo que sanasse estes inconvenientes, cheguei á conclusão de que a solução se encontra nos dois projectos abaixo, que submetto ao estudo dos Exmos. Membros do Congresso Nacional que se ocupam com a Defesa da nossa grande Patria, e ao julgamento dos meus illustres camaradas de classe.

### Projecto N. 1

O Congresso Nacional decreta:

Artigo 1.º — A obrigatoriedade do serviço no Exército é: 1.º, dos 21 aos 30 annos de idade, no Exército de 1.ª linha ou nos centros preparamos de reservistas de 1.ª categoria; 2.º, dos 31 aos 44 annos de idade, no Exército de 2.ª linha;

Paragrapho único. — Em caso de guerra, de 45 annos de idade até o limite determinado pelas circunstancias do momento, e dos 17 aos

21 annos de idade, em serviços compatíveis com as suas condições physicas.

Art. 2.º — Os serviços de 4 mezes e de 16 mezes que tratam os arts. 9.º, letra d, 20, 32, 33 e 34 do R. S. M. ficam elevados a 6 mezes e 18 mezes respectivamente.

Art. 3.º — O artigo 37.º do R. S. M. será substituído pelo seguinte:

Poderão engajar-se ou reengajar-se, por 2 annos de cada vez, para a arma a que pertencerem, as praças que tiverem concluido o tempo de serviço, além de possuirem bôa conduta civil e militar, tiverem 30 annos incompletos:

a) Os anspeçadas e soldados, voluntários ou sorteados, em numero total de 16 nas companhias, esquadrões ou baterias (dos quaes 8 conductores, nas de campanha) e de 20 nas companhias de Engenharia.

Estes numeros poderão ser modificados mediante proposta do E. M. E.

b) Os cabos, o pessoal dos serviços de intendencia, material bellico, saúde, veterinaria, artifícies, corneteiros, tambores, clarins, signaleiros, telemetristas, telegraphistas e telephonistas até o total dos respectivos quadros.

Até 37 annos incompletos:

c) Os sargentos e musicos até o total dos respectivos quadros.

Paragrapho 1.º — As vagas que ficarem no total dos engajaveis ou reengajaveis de que tratam as letras a, b e c d'este artigo, serão preenchidas por praças que no plano de licenciamento forem designadas, de preferencia por vontade propria, para o serviço de 18 mezes, tomando-se como criterio, escolher os que foram por ultimo incorporados. Esta disposição não se applica no caso do serviço de 2 annos.

Paragrapho 2.º — Os sargentos attingidos pelo art. 6.º da Lei n. 3.216, de 3 de Janeiro de 1917, poderão reengajar-se até completarem 20 annos de serviço, sendo excluidos assim que obtenham um emprego civil; se até completarem 25 annos de serviço, não tiverem obtido emprego civil, serão reformados no posto de 2.º Tenente com o respectivo soldo.

Paragraphos 3.º e 4.º — (Como estão redigidos os paragraphos 4.º e 5.º do R. S. M.).

Art. 4.º — Fica abolido o recensamento militar; o Governo chamará annualmente, por editaes largamente publicados, de 15 de Julho a 31 de Outubro, na primeira zona militar e de 15 de Janeiro a 30 de Abril, na segunda zona militar, a todos os Brasileiros que no anno anterior tiverem completado 20 annos de idade, assim de se apresentarem nos quartéis de tropa do Exercito activo, de 15 a 31 de Outubro, na primeira zona militar, e de 15 a 30 de Abril na segunda zona militar.

Paragrapho 1.º — Os cidadãos que não se apresentarem dentro dos prazos acima estipulados, serão considerados insubmissos e, como tales, processados.

Art. 5.º — Os cidadãos, á proporção que se forem apresentando, serão submetidos a inspecção de saúde por Junta Medica Militar, e divididos em quatro grupos: O 1.º grupo, dos julgados promptos para o serviço do Exercito e que ficará encostado a um Corpo de Tropa; o 2.º grupo, dos doentes susceptíveis de cura; o 3.º grupo, dos isentos do serviço em tempo de paz e o 4.º grupo, dos julgados incapazes para o serviço, e que receberá certidão de alista-

mento e será enviado immediatamente aos seus lares.

Art. 6.º — A 1.º de Novembro, na primeira zona militar e a 1.º de Maio na segunda zona militar, far-se-há um sorteio em cada Corpo de Tropa, nelle tomando parte os cidadãos do 1.º grupo, para o preenchimento dos claros existentes.

Art. 7.º — Os cidadãos do 1.º grupo não sorteados, bem como os do 2.º grupo, quando julgados promptos, e os do 3.º grupo matriculados obrigatoriamente em Sociedades de Tiro das localidades em que residirem, recebendo todos uma certidão de alistamento.

Paragrapho 1.º — Os cidadãos matriculados nas Sociedades de Tiro que, sem motivo justificado, não forem aprovados no exame para reservista, serão incorporados, definitivamente, no anno seguinte.

Art. 8.º — O Governo reorganisará as Sociedades de Tiro, transformando-as em deposito civil de recrutas, e para isto modificará o regulamento da Directoria do Tiro de Guerra, sendo directores os proprios Instructores, que commandarão e administrarão as Sociedades, sendo por elles responsaveis como se uma unidade fosse do Exercito Activo.

Art. 9.º — Só poderão ser instructores os officiaes do Exercito Activo e os do Exercito de 2.ª Linha e da reserva do Exercito Activo, de reconhecida capacidade.

Paragrapho 1.º — Os instructores serão auxiliados por sargentos instructores ou sargentos com o Curso da Escola de Sargentos de Infantaria.

Art. 10.º — Além das exigencias contidas nos arts. 124.º a 128.º do R. S. M., se observarão mais as seguintes:

Paragrapho unico. — Nenhum cidadão poderá matricular-se em qualquer Academia Federal ou Estabelecimento de Ensino reconhecido, não poderá transitar de um Estado para outro, quer por Estradas de Ferro quer por embarcações das Companhias de Navegação, não poderá alistar-se eleitor e casar civilmente, desde que tenha 20 annos completos, sem que apresente a certidão de alistamento ou caderneta militar.

Art. 11.º — Revogam-se as disposições em contrário.

### Projecto reorganisando a Directoria Geral do Tiro de Guerra

Complementar ao projecto n.º 1, alterando o Regulamento do Serviço Militar.

Artigo 1.º — Fica o Governo auctorizado a reorganisar a Directoria Geral do Tiro de Guerra, sob as seguintes bases:

1. — As Sociedades de Tiro ficam transformadas em Depositos Civis de Recrutas.

2. — Nenhuma Sociedade de Tiro terá existencia, sem que o seu efectivo de socios de 17 a 30 annos completos, seja de 300 matriculados voluntaria ou obrigatoriamente pelo Governo.

3. — A cada grupo de 300 socios nas condições acima, corresponderá um instructor.

4. — Só poderão ser instructores, officiaes efectivos do Exercito, até o posto de capitão, ou de sua reserva, ou do Exercito de 2.ª Linha, de reconhecida capacidade moral e profissional.

5. — O mais graduado dos instructores, será o Director-comandante da Sociedade, responsável pela instrução, disciplina e organização da mesma, continuando a existir os cargos de Secretário e Tesoureiro, preenchidos por eleição entre os sócios.

6. — Cada grupo de 5 Sociados de 300 sócios cada um, nas condições do n.º 2, ou um grupo de menor número de Sociedades que perfaçam 1500 sócios, terá um Major de Infantaria, Fiscal do Grupo.

7. — Cada grupamento de 3 Sociedades nas condições do n.º 6, terá um Tenente-Coronel de Infantaria, Inspector do Grupamento.

8. — Cada grupamento de Sociedades, com a mobilização, constituirá um Regimento de Reserva, correspondendo assim ás 15 Sociedades de 300 sócios, 12 companhias de Infantaria, 1 companhia de metralhadoras pesadas, 1 companhia extranumeraria, 3 pelotões de metralhadoras leves e 3 secções de petrechos de acompanhamentos.

9. — Os Commandos dos Regimentos de Reservas e de seus batalhões, competirão aos Tenentes-Coronéis Inspectores e Majores Fiscaes, respectivamente, dos Grupamentos e Grupos de Sociedades, sendo os demais officiaes tirados dentre os da 1.ª e 2.ª Classe da Reserva de 1.º Linha.

10. — As Inspectorias Regionaes serão apenas órgãos collectores e transmissores de ordens, pedidos e informações.

11. — Os Majores e Tenentes-Coronéis de Infantaria, necessários a esta organização, serão acrescidos ao quadro d'arma e classificados no quadro supplementar.

Art. 2.º. — Revogam-se as disposições em contrario.

Castro Ayres,  
Capitão.

## Notas sobre Historia Militar do Brasil

### Resumo da Guerra do Paraguai

(Continuação).

#### Ataque a Corrientes

A 25 de Maio, chegou a expedição ao seu destino, iniciando ás 2 horas da tarde as hostilidades, os navios brasileiros protegendo o desembarque e as operações subsequentes, dirigidas pelo general Paunero, auxiliado pelos comandantes argentinos Charbone, Rozetti e Rívar e brasileiro Guilherme Bruce.

Não podendo impedir o desembarque do atacante, os paraguaios entrincheiraram-se nos edifícios da cidade, de onde foram depois desalojados pelos 2 canhões do tenente Tiburcio de Souza e pela infantaria argentina.

Proseguindo, porém, na resistência, os paraguaios procuraram firmar-se em uma ponte existente na cidade, enquanto destacavam um contingente com o objectivo de flanquear os argentinos, movimento que aliás fracassou, graças ás brilhantes cargas de bayoneta do 9.º batalhão brasileiro, que perceberá á tempo a intenção paraguaya.

Finalmente, não podendo mais resistir, Martínez retirou-se, os aliados ocupando a cidade. Os paraguaios perderam na acção: 400 mortos, 83 feridos e prisioneiros, 3 canhões, 1 bateria e grande quantidade de material bellico.

Os aliados tiveram 200 argentinos e 21 brasileiros fóra de combate, entre mortos e feridos.

Durante os diferentes combates, os aliados procuraram quanto possível poupar os edifícios da cidade e reduzir ao minimo os prejuízos da população civil.

Quanto aos paraguaios, portaram-se elles com denodada bravura, não poupando sacrifícios para defenderem sua causa.

De nada, porém, lhes valeu essa bravura, pois que o dictador Lopez mandou fuzilar Martínez, apezar disso.

A victoria dos aliados, porém, foi de duração ephemera, pois não dispunham elles de elementos capazes de enfrentarem a columna do general Robles, que fatalmente viria em socorro de sua base de operações, resolvendo por isso abandonar a cidade, conquistada afinal com tantos sacrifícios.

Assim foi que no dia seguinte, 26 de Maio, os aliados, aproveitando-se da noite, embarcaram em transportes a vela, rebodados pelos navios argentinos «Pavon» e «Pampeiro» e combatiados pela corveta brasileira «Itajahy», voltando ao Rincón de Soto, enquanto que os demais navios da expedição permaneciam no lugar denominado Columna, nas proximidades do Rio Riachuelo.

O governo argentino creou uma medalha comemorativa desse ataque a Corrientes e na mesma occasião também o governo paraguayo instituiu a Ordem do Mérito, imitação da Legião de Honra criada por Napoleão Bonaparte, quando consul.

#### Considerações

A proeza dos aliados, atacando Corrientes sem elementos suficientes para manter-lhe a posse, foi uma operação considerada por muitos como um grave erro.

Entretanto, convirá notar que foi graças á ella e á derrota da esquadra paraguaya que conseguimos organizar nas províncias de Corrientes e Entre-Rios o nosso Exército, com as levas de brasileiros que accorreram á defesa da Pátria.

Demais, convém notar que se não fosse esse ataque, perturbando o avanço do general Robles, este teria invadido a província de Entre-Rios, onde, segundo era corrente, o marechal Solano Lopez contava muitos partidários e adeptos.

Por consequencia, se a operação, no ponto de vista exclusivamente tático, careceu de motivos que a justificassem, já o mesmo não se poderia dizer considerando-a sob o ponto de vista político, circunstância que não raro pondera grandemente na elaboração de um plano de ataque.

Quanto ao general Robles, commetteu elle a imprudência de deixar mal guarnecida a sua base de operações, sabendo, como deveria saber, que sua ausencia despertaria no adversario o desejo de uma acção offensiva contra aquele ponto.

(Continua)

Nilo Val.